



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL - PR
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - LICENCIATURA

LUANA APARECIDA JUNIOR

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO NA ESCOLA
ITINERANTE CAMINHOS DO SABER

LARANJEIRAS DO SUL

2019

LUANA APARECIDA JUNIOR

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO NA ESCOLA
ITINERANTE CAMINHOS DO SABER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para o componente curricular TCC III.

Orientador: Prof. Dr. Alex Verdério

LARANJEIRAS DO SUL

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Aparecida Junior, Luana

As Práticas de Educação do Campo na Escola Itinerante Caminhos do Saber / Luana Aparecida Junior. -- 2019.
81 f.:il.

Orientador: Doutor Alex Verdério.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso
Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e
Humanas-Licenciatura, Laranjeiras do Sul, PR , 2019.

1. Escola Itinerante Caminhos do Saber: A Escola do Campo na Luta do MST. 2. Práticas Pedagógicas Cotidianas na Escola Itinerante Caminhos do Saber e a Educação do Campo. 3. Ciclos de Formação Humana com Complexos de Estudos e Educação Contra-hegemônica na Escola do Campo.
I. Verdério, Alex, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LUANA APARECIDA JUNIOR

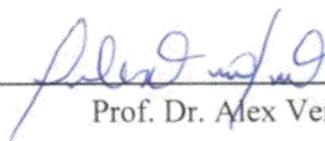
**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO NA ESCOLA
ITINERANTE CAMINHOS DO SABER**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Laranjeiras do Sul.

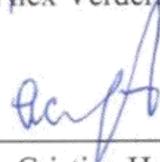
Orientador: Prof. Dr. Alex Verdério

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 17 de junho de 2019.

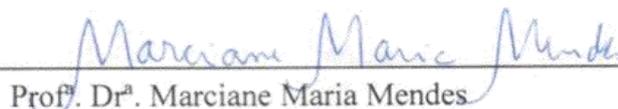
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Alex Verdério



Prof.^a. Me. Ana Cristina Hammel



Prof.^a. Dr.^a. Marciane Maria Mendes

DEDICO

Ao meu pai Abilis Junior, por ser meu incentivo à nunca desistir dos meus sonhos, principalmente em relação aos estudos.

À minha família em geral, minha irmã Ana Paula, minha mãe Sônia, minha tia Rosana, minhas primas Viviana e Kelle que sempre me apoiaram e me incentivaram nessa jornada.

Ao educador Alex Verdério, que caminhou junto nessa produção, me dando incentivo e orientação.

A todos (as) companheiros (as) que lutam por uma sociedade mais justa e igualitária e pelo acesso a uma educação de qualidade no campo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai Abilis e a minha família em geral, pelo apoio, incentivo e amor incondicional.

Ao meu namorado Jefferson por sempre estar ao meu lado me dando suporte, incentivo e principalmente por me dar carinho e força para superar as dificuldades.

Ao meu orientador Alex Verdério, pelo suporte, orientação, pelas correções e incentivos.

Ao corpo docente do curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas, por ter possibilitado e contribuído na minha formação científica e social.

Aos meus amigos (as), Elis Regina Martini e Tiego Reis, pela força e pelo apoio incondicional antes e durante essa jornada.

Aos meus amigos e antigos educadores, Gilberto Martini e Raquel, pelo incentivo e ajuda a regressar na vida acadêmica.

Aos companheiros (as) e Everli, Karin, que compartilharam dos momentos bons e ruins durante esse período, sempre me ajudando quando era possível.

Aos companheiros (as) acampados que lutam pela terra no Acampamento Maila Sabrina, os quais erguem a bandeira de luta pelo direito à educação, e que contribuíram com esta pesquisa, sendo a base para as reflexões aqui apresentadas.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado (a).

A Educação do Campo

(Gilvan Santos)

A Educação do Campo do povo agricultor
Precisa de uma enxada, de um lápis, de um trator
Precisa educador pra trocar conhecimento
O maior ensinamento é a vida e o seu valor

Na nossa escola, nós somos os sujeitos
Lutamos pela vida e pelo o que é de direito
As nossas marcas se espalham pelo chão
A nossa escola ela vem do coração

Se a humanidade produziu tanto saber
O rádio, a ciência e a cartilha do ABC
Mas falta empreender a solidariedade
Soletrar essa verdade está faltando acontecer

(Cantares da Educação do Campo, MST, 2006).

RESUMO

A Escola Itinerante Caminhos do Saber, está localizada no Acampamento Maila Sabrina, município de Ortigueira, no estado do Paraná. Esta é uma escola vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que trabalha em conexão com a proposta educativa do Movimento e os princípios da Educação do Campo. Assume uma perspectiva contra hegemônica de educação pautada no vínculo com a realidade, na busca pelo conhecimento e na participação ativa e autônoma dos sujeitos. Esta que é uma proposta de educação voltada diretamente para os povos trabalhadores do campo, sendo eles: Ribeirinhos, Quilombolas, Indígenas, Sem Terras, Agricultores, entre outros. Por ser uma escola vinculada organicamente a um movimento social e que se coloca num processo contra hegemônico, ela possui práticas pedagógicas diferenciadas das demais escolas do município e da região, dentre as quais se destacam: o Planejamento Coletivo e Interdisciplinar, o Coletivo de Educadores, o Trabalho e vínculo com a realidade, a Auto-organização dos estudantes e o Processo de avaliação na escola. O presente estudo tem como objetivo evidenciar/entender essas práticas das Escolas Itinerantes relacionando-as à Educação do Campo, na Escola Itinerante Caminhos do Saber, evidenciar os resultados obtidos através destas práticas e compreender como se dá o processo de ensino-aprendizagem através destas. O estudo teve caráter predominantemente qualitativo, tendo como fontes primárias a análise de documentos que sustentam a proposta da escola, trabalhos de pesquisas já realizados e outras bibliografias pertinentes à temática. O perfil da pesquisa é definido pela utilização de fontes primárias que partiram da observação *in loco* e foram completadas com o registro das observações e com a realização de pesquisa com integrantes da Comunidade Escolar, a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas pela escola e sua relação com a Educação do Campo. As práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Itinerante Caminhos do Saber evidenciam, ao mesmo tempo, a expressão e a síntese de proposta de educação contra hegemônica vinculada à luta do MST e à Educação do Campo expressa, sobretudo, no experimento dos Ciclos de Formação Humana com Complexo de Estudo nas Escolas Itinerantes.

Palavras-chave: Educação do Campo. Escola Itinerante. Práticas Pedagógicas. Vínculo com a Realidade. Participação dos Sujeitos.

ABSTRACT

The Caminhos do Saber Itinerant School takes place in the Maila Sabrina Camp, located in the city of Ortigueira, State of Paraná, Brazil. This school is linked to the Landless Workers' Movement (MST) and works in connection with the MST's educational proposal and the principles of Rural Education. It assumes an anti-hegemonic perspective of education in line with the link with reality, the search of knowledge and the active and independent participation of individuals. This educational proposal is directly oriented to rural workers, such as: riverside dwellers, quilombolas, indigenous people, landless people, farmers, amidst others. Given that this is a school organically connected to a social movement and that puts itself in an anti-hegemonic process, it possesses pedagogical practices that are different from the ones developed in others schools in the region, among them is worth it to highlight: the Collective and Interdisciplinary Planning, the Educators' Collective, the work related to the reality, the self-organization and the evaluation process in the school. This study aims to highlight/understand these Itinerant Schools' practices relating them to Rural Education; in the Caminhos do Saber Itinerant School, this study also aims to highlight the results obtained from those practices and to understand how the teaching-learning process occurs through them. The study is characterized predominantly as qualitative, having as primary sources documents that sustain the school's proposal, other researches made in this context and bibliography relevant to the theme. The research profile is defined by the usage of primary sources that started off from the in loco observation and where completed with its registration; also, was made a research with the members of the scholar community, based on the pedagogical practices developed by the school and its relation to Rural Education. The pedagogical practices developed in the Caminhos do Saber Itinerant School highlight, at the same time, the expression and synthesis of the anti-hegemonic educational proposal, which is related to the MST's struggle as well as the Rural Education, mainly expressed in the experiment of Cycles of Human Education with Complex of Study in Itinerant Schools.

Key-words: Rural Education. Itinerant School. Pedagogical Practices. Link to reality. Individuals Participation.

LISTA DE SIGLAS

ACAP	Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná
APMF	Associação de Pais, Mestres e Funcionários
CFH	Ciclos de Formação Humana
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EICS	Escola Itinerante Caminhos do Saber
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PPP	Projeto Político Pedagógico
PPPI	Projeto Político Pedagógico das Escolas Itinerantes
PR	Paraná
PSS	Processo Seletivo Simplificado
PTD	Plano de Trabalho Docente
SEED	Secretaria Estadual de Educação
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro-oeste do Paraná
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Acampados no processo de desmanche da Escola Caminhos do Saber.....	52
Foto 2 – Escola Itinerante Caminhos do Saber durante o processo de (re)construção	52
Foto 3 – Escola Caminhos do Saber antes do processo de (re)construção	53
Foto 4 – Escola Itinerante Caminhos do Saber após o processo de (re)construção	53
Foto 5 – Núcleo Setorial do Embelezamento no processo de reforma do jardim da escola	58
Foto 6 – Horto Medicinal.....	59

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Esquema da proposta de auto-organização dos estudantes na organização política da escola	61
Ilustração 2 – Esquema Ilustrativo da Organização por Complexos de Estudos	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Síntese do Inventário da Realidade	44
Tabela 2 – Roteiro de Plano de Trabalho Docente.....	46
Tabela 3 – Ciclos de Formação Humana na Escola Itinerante no Paraná.....	66
Tabela 4 – Práticas Pedagógicas na Escola Itinerante Caminhos do Saber	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 ESCOLA ITINERANTE CAMINHOS DO SABER: A ESCOLA DO CAMPO NA LUTA DO MST.....	19
2.1 TRAJETÓRIA DA ESCOLA ITINERANTE CAMINHOS DO SABER	19
3 PRÁTICA PEDAGÓGICA COTIDIANA NA ESCOLA ITINERANTE CAMINHOS DO SABER E A EDUCAÇÃO DO CAMPO	36
3.1.2 Coletivo de Educadores	46
3.1.3 Trabalho e vínculo com a realidade.....	49
3.1.4 Auto-organização dos estudantes	55
3.1.5 Processo de avaliação na escola	61
3.2 CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA COM COMPLEXOS DE ESTUDOS E EDUCAÇÃO CONTRA HEGEMÔNICA NA ESCOLA DO CAMPO	63
3.2.1 Os tempos educativos na Escola Itinerante Caminhos do Saber.....	69
4 CONSIDERAÇÕES.....	73
REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

*“Ninguém educa ninguém;
ninguém se educa sozinho;
as pessoas se educam entre si,
através de sua organização coletiva”.*
(MST, 2005, p. 31).

As práticas da Educação do Campo na Escola Itinerante Caminhos do Saber, são relevantes pelo fato destas serem práticas pedagógicas específicas gestadas e concretizadas no contraponto a escola capitalista, sendo assumida numa perspectiva contra hegemônica de educação consolidada no capitalismo.

A Escola Itinerante Caminhos do Saber está organicamente vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), movimento social que luta pela reforma agrária e por melhores condições de vida à classe trabalhadora. Tal escola está localizada no município de Ortigueira, estado do Paraná e pertence ao Acampamento Maila Sabrina.

A Escola Itinerante Caminhos do Saber, mesmo considerando sua relação com o Setor de Educação do MST, atualmente tem sua gestão administrativa junto a Escola Base Colégio Estadual Vista Alegre, localizada no município de Ortigueira (pertencente ao Núcleo regional de Telêmaco Borba), que não mantém vínculos orgânicos com o MST. A Escola Itinerante no Paraná é reconhecida pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED-PR) e foi regulamentada pelo Parecer nº 1012/2003, além de estar embasada na lei 9394/96. De maneira conexa ao processo de escolarizar, essa escola proporciona aos educandos uma formação que os capacita a serem sujeitos políticos que lutam por seus direitos, pela reforma agrária e por uma sociedade mais digna e justa. O educando desta escola participa ativamente nos eventos e mobilizações do MST, lutando em conjunto com os demais acampados, entendendo que quando o educando participa ativamente de atividades da Comunidade é que estes se sentem realmente parte dela.

Na afirmação do objeto de estudo que está voltado para a análise das práticas pedagógicas desta escola, destaca-se o vínculo objetivo da pesquisadora, no sentido desta ser fruto dos processos de formação desenvolvidos pela escola, tanto no que diz respeito aos avanços obtidos por meio das práticas pedagógicas, quanto à vivência coletiva na escola, já que a autora é ex-educanda e atual educadora da Escola Itinerante Caminhos do Saber, que se constitui como campo empírico da presente pesquisa. Os vínculos da pesquisadora com a escola em questão foram iniciados em 2005, ainda na condição de estudante, na antiga escola do

Acampamento (esta que ainda não era denominada como Escola Itinerante). Em 2007, continuou como educanda da recém-criada Escola Itinerante Caminhos do Saber, concluindo sua formação no Ensino Médio no ano de 2015. E em setembro de 2016, ingressou como educadora na escola.

A presente pesquisa teve por objetivo geral aprofundar a compreensão de Educação do Campo relacionando-a as experiências realizadas na Escola Itinerante Caminhos do Saber, considerando ainda, a contribuição das práticas pedagógicas desenvolvidas na escola para a formação dos sujeitos do campo que a constituem. Como objetivos específicos foram assumidos a necessidade de compreender como se dá o funcionamento da Escola Itinerante Caminhos do Saber; de analisar como acontece o processo de formação dos sujeitos da escola; de compreender quais são as práticas da Educação do Campo e qual a contribuição desta no trabalho docente. Relatar e analisar as práticas da Educação do Campo na Escola Itinerante Caminhos do Saber significa refletir sobre a ação produzida pelo movimento social do campo, para resolver um problema fundamental nos Acampamentos e Assentamentos da reforma agrária e do campo brasileiro de um modo geral. Uma ação que se coloca no enfrentamento ao analfabetismo, condição essa, em que se encontra a maioria da classe trabalhadora do campo. Nesta perspectiva pode ser compreendida a importância de uma Educação que seja “NO” e “DO” Campo e a relevância dada pelo MST ao trato da educação, evidenciando a necessidade de escolarização, conectada a formação da consciência da classe trabalhadora em sua luta em busca de um novo e melhor tipo de sociedade.

O MST sempre identificou a necessidade de haver uma escola que atendesse as suas necessidades enquanto movimento social. Uma escola que não se restringisse a lugar fixo e que acompanhasse a luta e as ocupações realizadas pelas famílias Sem Terra em terras improdutivas, no intuito de ao mesmo tempo em que pressiona a realização da reforma agrária, garante o acesso e o direito à escolarização aos sujeitos acampados. Para isso, foi preciso construir uma escola que respeitasse as especificidades/condições de seu público frequentador. Uma escola que acompanha as lutas das famílias Sem Terra e não o contrário. Nesse sentido, o MST, em acordo e tendo por referência sua proposta educativa, produziu a Escola Itinerante, com o propósito de a escola poder acompanhar todo o processo de luta de maneira que as crianças, os jovens, os adolescentes e os adultos que integram os acampamentos organizados pelo Movimento não tenham seu acesso à educação escolar negligenciado.

Com o passar do tempo as Escolas Itinerantes foram qualificando suas práticas pedagógicas, constituindo assim a proposta de escola do campo que, atrelada a luta pela reforma agrária, produz seus métodos específicos de avaliação, de tempos formativos, entre outros,

colocando-se na esteira de uma educação contra hegemônica. Nesse sentido, o trabalho a seguir, a partir da realidade da Escola Itinerante Caminhos do Saber, tem como objetivo analisar como são realizadas tais práticas na escola e sua relevância na formação dos educandos.

A pesquisa desenvolvida teve caráter teórico e empírico, tendo em conta a produção e a análise qualitativa dos dados. Para tanto, num primeiro momento, foi realizada a pesquisa e a análise de materiais bibliográficos sobre a temática da Educação do Campo e sobre a proposta de escola constituída a partir da ação do MST. Em seguida, o trabalho de pesquisa voltou-se para os documentos que dão sustentação para a experiência da Escola Itinerante no Paraná, com especial destaque para seu Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico (PPP). Num terceiro momento, foi realizada uma pesquisa empírica que contou com a colaboração da Comunidade Escolar da Escola Itinerante Caminhos do Saber, focada no processo de ensino-aprendizagem dos educandos e nas possibilidades da escola qualificar sua atuação de acordo com as propostas pedagógicas/metodológicas da Educação do Campo. A pesquisa empírica na Escola Itinerante Caminhos do Saber além de estar voltada para a análise documental teve por foco ainda, uma pesquisa de cunho qualitativo no âmbito escolar no sentido de aprofundar como se dá o processo de execução da proposta dos Ciclos de Formação Humana com Complexos de Estudos e de que forma ocorre a avaliação dos educandos e os tempos organizativos destes. Para tanto, foi realizada uma entrevistas semiestruturadas, o que possibilitou evidenciar alguns dos avanços e dos limites da escola no que diz respeito a qualificação do processo de ensino-aprendizagem e as práticas da Educação do Campo.

A pesquisa realizada evidenciou sua importância em três distintas dimensões que se articulam. Num primeiro nível, a presente pesquisa, colocou-se como possibilidade de registro e preservação da história de uma escola desenvolvida no interior de um movimento social, cujas práticas possuem uma especificidade que estão sustentadas e são sustentadoras da Educação do Campo, que é uma proposta de educação voltada para os povos trabalhadores que vivem no campo e que considera a realidade de tais sujeitos. Com isso, coloca-se o segundo nível de aprofundamento possibilitado pela presente pesquisa que esteve focado na análise de práticas resultantes do modo encontrado pelo MST e pelas Escolas Itinerantes de trabalhar a escolarização em conexão com a realidade do campo brasileiro, sem que as famílias sejam obrigadas a abandonar a luta pela terra, já que esta escola está sempre em movimento, assim como os próprios Acampamentos e Assentamentos de reforma agrária. Com isso, uma terceira dimensão da pesquisa tomou concretude estando vinculada a importância da Educação do Campo e da maneira que o MST incide na formação dos sujeitos Sem Terra, tendo em conta

uma perspectiva de educação que junto aos processos de escolarizar, compreenda a formação política da classe trabalhadora, na busca de sua emancipação enquanto classe.

O interesse por tal pesquisa surgiu a partir do desejo e da necessidade da autora em qualificar as práticas desenvolvidas na Escola Itinerante Caminhos do Saber. Essa perspectiva ganha destaque, conforme evidencia já apresentada anteriormente, que indica a atuação e vínculo da autora-pesquisadora como ex-educanda e agora como educadora da referida escola. Neste contexto, destaca-se uma vez mais a compreensão de que o conhecimento está sempre em transformação e isso coloca a necessidade do aprofundamento contínuo acerca das práticas pedagógicas realizadas na escola, bem como sobre a proposta da Educação do Campo e o tipo de escola pretendida e produzida cotidianamente na luta das famílias Sem Terra.

2 ESCOLA ITINERANTE CAMINHOS DO SABER: A ESCOLA DO CAMPO NA LUTA DO MST

Este capítulo parte do resgate da trajetória da Escola Itinerante Caminhos do Saber e do papel da escola no processo de luta do Movimento Sem Terra. Destaca elementos do papel da escola do campo no processo de formação humana no contexto da luta pela terra a partir do entendimento de que o campo necessita de uma escola que promova seus ensinamentos a partir da própria realidade onde está inserida. Deste modo, a elaboração e análise voltam-se para o Plano de Estudos das Escolas Itinerantes (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013). Neste aspecto, verifica sua importância no processo de construção da escola idealizada no espaço de luta de um movimento social que entre suas práticas evidencia a busca de libertação da classe trabalhadora em relação à dominação do sistema capitalista, dominação esta que acontece por meio da reprodução de conteúdos/conhecimentos submetidos a lógica do capital (FREITAS, 2009).

2.1 TRAJETÓRIA DA ESCOLA ITINERANTE CAMINHOS DO SABER

A Escola Itinerante Caminhos do Saber está localizada em um Acampamento organizado pelo MST, no município de Ortigueira, Paraná. O Acampamento é identificado pelo nome de Maila Sabrina. Esse nome foi escolhido pelas famílias acampadas em homenagem a uma criança que morava com sua família no Acampamento e que faleceu de leucemia. O Acampamento foi organizado em uma fração da fazenda Nossa Senhora do Carmo, que foi ocupada por famílias Sem Terra organizadas no MST no dia 8 de janeiro de 2003, pertencente ao município de Faxinal, estado do Paraná. O Acampamento permaneceu nessa área até o primeiro semestre de 2006. Durante três anos, entre 2003 e 2006, a escola do Acampamento era municipal e possuía apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental e era organizada em turma multisseriada. Os demais educandos do Acampamento, vinculados aos anos finais do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio se deslocavam diariamente até a sede do município de Faxinal para frequentar a escola.

No dia 6 de julho de 2006, foi ocupada outra fração da fazenda Nossa Senhora do Carmo. Esse novo espaço, onde foi organizado o novo Acampamento que posteriormente constituiu-se como Acampamento Maila Sabrina fica situado no município de Ortigueira – PR. Com a organização do novo Acampamento, ainda no ano de 2006, as crianças que estudavam nos anos iniciais do Ensino Fundamental passaram a frequentar uma escola situada numa

localidade vizinha ao Acampamento. Os educandos dos anos finais do Ensino Fundamental e do Médio, por sua vez, continuaram a frequentar o colégio de Faxinal durante o último semestre do ano letivo de 2006.

Um dos principais fatores para a construção da Escola Itinerante Caminhos do Saber no Acampamento foi a longa distância da escola do município onde as crianças Sem Terra estudavam. Além de ser um longo trajeto a ser percorrido diariamente – cerca de cinquenta quilômetros – as condições das estradas eram extremamente precárias, de forma que quando chovia os educandos eram obrigados a perder aulas. Outro fator importante para a implantação da escola no Acampamento foi a necessidade das crianças terem acesso a uma educação de qualidade, e que esta fosse uma Educação “NO” e “DO” Campo, ou seja, uma educação que fosse voltada para as necessidades dos camponeses e que considerasse a realidade do meio em que estes estão inseridos, pois a antiga escola que os educandos estudavam não considerava a realidade econômica e social destes, de forma que muitas vezes os educandos Sem-Terra, sofriam “preconceito” por fazerem parte do MST e por serem de origem humilde.

Em 2007, tem-se o início das atividades da Escola Itinerante no Acampamento Maila Sabrina. A nova escola recebeu o nome de Escola Itinerante Caminhos do Saber, esse nome foi sugerido por uma dirigente nacional do MST aos moradores da Comunidade onde localizava-se a escola. O nome sugerido agradou aos moradores do Acampamento e recebeu a aprovação de todos.

A Escola Itinerante Caminhos do Saber surgiu da necessidade identificada pela comunidade do Acampamento Maila Sabrina, já que, como dito, os educandos eram obrigados a percorrer aproximadamente cinquenta quilômetros de estradas ruins em transportes precários todos os dias. Inclui-se ainda, o fato de que os educandos Sem Terra eram desprezados pelos educandos que moravam na cidade. Por esses motivos, foi necessária a implantação da escola no Acampamento.

No início, os educadores eram da Comunidade acampada e atendiam apenas aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Em suma, neste primeiro momento de organização da Escola Itinerante Caminhos do Saber os educadores vinculavam-se à escola por meio do trabalho voluntário já que recebiam apenas trezentos reais mensais, uma espécie de ajuda de custo para manutenção das condições básicas da vida no Acampamento. As salas de aula eram antigas instalações (casa de funcionários, garagem dos maquinários e depósito de ração e adubo) da fazenda Nossa Senhora do Carmo. Porém, aos poucos, os membros da Comunidade acampada foram melhorando estas instalações, desmanchando casas que não estavam sendo utilizadas na

fazenda e construindo novas salas de aula, constituído assim uma estrutura de prédio escolar um pouco mais qualificada.

Depois de construída as salas de aula, a Comunidade conseguiu (depois de muita luta) mais uma conquista muito significativa, tanto para as famílias acampadas quanto para a própria escola, que foi a implantação (no ano de 2009) dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Com isso, professores de outros municípios e de fora do Acampamento passaram a lecionar na escola, pelo fato de que naquele momento não existiam profissionais na Comunidade aptos e com formação necessária para trabalhar com tais níveis de ensino. Alcançada mais essa conquista, a luta da Escola Itinerante Caminhos do Saber e das famílias acampadas passou a ser outra, que era a tentativa de conseguir um transformador de energia elétrica próprio para a escola, já que a luz do Acampamento não era suficiente para as famílias acampadas e para a escola.

Com a ampliação da escola, ampliou-se a necessidade de educadores aptos para trabalhar em todos os níveis de ensino ofertados e que mantivessem vínculos e moradia na Comunidade. Alguns professores das Comunidades externas ao Acampamento não compreendiam e até discordavam do modo de vida e da política da Comunidade e essa posição, muitas vezes, resultava num trabalho totalmente desvinculada da realidade da Comunidade acampada. Por essa razão, a Comunidade do Acampamento Maila Sabrina passou a investir na formação de professores orgânicos à Comunidade enviando pessoas para cursos de graduação para formação de professores do campo.

Essa percepção e decisão da Comunidade acampada de promover a formação de professores do campo com vínculos de moradia e pertencimento ao Acampamento, depois de alguns anos, possibilitou a ampliação da participação de membros da Comunidade no corpo docente em todos os níveis de ensino da escola. Com isso, o processo de formação dos educandos começou a ter reflexos positivos, e a Escola Itinerante Caminhos do Saber teve uma inflexão em seus processos didático-pedagógicos e de ensino-aprendizagem, passando de métodos tradicionais de ensino para um ensino vinculado a formação de todas as dimensões do ser humano, com vínculos concretos com a concepção de Educação do Campo, defendida pelos movimentos sociais.

Após quinze anos (2003 – 2019) de existência da Escola Itinerante Caminhos do Saber no Acampamento Maila Sabrina, verificam-se muitas mudanças. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental todo o corpo docente é constituído por moradores da Comunidade acampada. Já nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, a escola conta com a participação

de moradores da Comunidade acampada e de Comunidades externas no corpo docente pelo fato da escolha ser a partir do Processo Seletivo Simplificado (PSS).

No processo de formação dos educandos na Escola Itinerante Caminhos do Saber é possível verificar muitos avanços e alguns limites. Um exemplo desse processo é constatado na vinculação ao corpo docente da escola, de antigos educandos da própria escola. Assim, é perceptível o caminhar rumo à construção de um tipo de escola que a Comunidade deseja. Uma escola de fato pertencente à Comunidade, construída na luta por uma Educação do Campo e que, de acordo com Verdério (2018), é sustentada e ao mesmo tempo é sustentadora da concepção de Educação do Campo, formulada a partir da luta e da organização dos movimentos sociais do campo no Brasil. Uma escola que no limite do seu fazer cotidiano, assuma o compromisso de experimentar em seu fazer pedagógico os germes de uma escola vinculada aos interesses dos trabalhadores em luta, buscando exercitar e avançar em práticas vinculadas à Educação do Campo, as quais são assumidas aqui como objeto de estudo e análise.

2.2 A ESCOLA ITINERANTE NO MST

As escolas vinculadas ao MST surgiram da necessidade de uma escola que atendesse aos educandos Sem Terra, voltada para a formação teórica do sujeito e também colocada na busca por formar a partir da dimensão do trabalho e na própria itinerância das famílias Sem Terra. Por esse motivo surgiram as Escolas Itinerantes, essas que não possuem um lugar fixo e que acompanham seus educandos na medida em que surja a necessidade de mudança das famílias para outro espaço. Essa é uma proposta de escola produzida e vinculada diretamente à luta dos Sem Terra. Sendo assim, a Escola Itinerante possui dois papéis que são:

O primeiro, estar onde o povo está, deslocar-se com ele, acompanhá-lo no acampamento, na reocupação. A proposta educacional do MST compartilha desta perspectiva, como apontamos anteriormente nas marchas, nas mobilizações... Então refere-se à dimensão da presença física, que é muito importante, pois assegura a escolarização das crianças e jovens onde estes se encontram, e nas condições de luta e conflito. A segunda dimensão é do compromisso político e pedagógico que aponta para além da presença física, mas para o sentido do trabalho educacional que a escola desenvolve. É efetivamente uma escola do acampamento, que o MST se apropria e desenvolve. (DALMAGRO, 2010, p. 121-122).

Tendo em vista que a escola é muito mais do que um lugar de aprender somente conteúdos ligados ao senso comum, indo ao encontro dos conhecimentos científicos elaborados. O papel da escola do MST é exatamente o de criar formas com que os conteúdos científicos

relevantes sejam trabalhados não de forma solta, mas sim que estes sejam vinculados a elementos da realidade dos educandos. Por isso, esta deve atender às

[...] exigências práticas e teóricas em sua ação. Uma delas é pensar a ação em ambientes que não estão sufocados pela regulamentação do Estado, no interior das redes de ensino oficiais. Nestes espaços criados pelos movimentos sociais, portanto, podemos exercitar projetos mais arrojados de formação humana para a classe trabalhadora (Camini, 2009). Seria, então, desalentador se nestes espaços nos reduzíssemos à dimensão do que é possível fazer no interior das redes oficiais de ensino, por mais que esta seja importante. (FREITAS, 2011, p. 157-158).

A escola, para o MST, não é um lugar de teoria apenas, ela deve ensinar através da prática, porém entendemos que este não deve ser o único meio de ser trabalhado, mesmo compreendendo que isso é um instrumento educacional muito importante. A ideia de se “aprender fazendo” serve para o MST, como um procedimento de preparar o trabalhador, tanto para o domínio dos instrumentos de produção quanto para a transformação da sociedade.

Entende-se que para haver uma escola como à proposta pelo MST, é preciso também mudar não só a forma como são trabalhados os conteúdos científicos na escola, mas sim, a estrutura social da mesma. Para alcançar esse tipo de escola, além do trato do conhecimento, é necessário inserir questões relacionadas ao trabalho, à auto-organização dos estudantes, à realidade da Comunidade local/estadual/nacional, às avaliações que envolvam e sustentem essa proposta de educação, entre outros. Essa é uma das preocupações enfrentadas pelo MST em relação às escolas as quais se vincula, tendo em vista que alcançar esse objetivo em relação à forma escolar, nem sempre é algo fácil a se conseguir, porém vem sendo aos poucos melhorada a cada dia.

A Escola Itinerante possui desde o seu princípio, práticas um tanto quanto diferenciadas das demais escolas públicas existentes no Paraná. Por ser uma escola ligada ao MST, esta assume em sua intencionalidade uma formação crítica de seus educandos, e isso, está conectado à luta por uma Educação do Campo, tendo por perspectiva formar o sujeito em toda a sua totalidade de acordo com a realidade em que vive. Nesse sentido, o MST (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013), por meio de sua ação junto às Escolas Itinerantes, passou a dar maior atenção aos objetivos formativos, compreendendo que estes necessitam integrar de maneira objetiva os Planos de Ensino, dialogando com os objetivos de ensino de cada disciplina específica.

Ao evidenciar os objetivos formativos em sua conexão direta com os objetivos de ensino, a escola tem maiores condições de colocar-se na busca da formação plena dos educandos, por meio de questões que envolvam o exercício da expressão oral e escrita, tanto na

escola como em diferentes eventos/espços do MST. Isso passa pelo movimento de utilizar conceitos na compreensão de questões da realidade concreta, pensando formas de transformar/melhorar a realidade dos educandos e da Comunidade por meio de lutas por políticas públicas que atendam à todos. Assim, abre-se a potencialidade de fazer diferentes tipos de análises escritas e mentais para que os educandos possam discernir sobre os vários lados de uma situação/questão antes de tomar uma decisão, apropriando-se de tecnologias de produção e de uso social para desenvolver hábitos de trabalho individual e coletivo, e ao mesmo tempo, criar técnicas mais apropriadas para o desenvolvimento desses trabalhos.

Neste contexto, ao organizar seu fazer pedagógico, a partir dos objetivos formativos e objetivos de ensino a escola imprime sua intencionalidade em desenvolver práticas pedagógicas que impulsionem a capacidade de iniciativa e de agir organizadamente, criando nos educandos a capacidade de solucionar problemas. Isso passa, por exemplo, pela valorização da produção cultural e pelo processo de análise crítica da indústria cultural e das tradições culturais, no sentido de ao mesmo tempo cultivar e problematizar a cultura da Comunidade, desenvolvendo nos educandos a sensibilidade e a criatividade em relação à conceitos artísticos, à cultura corporal, criando em cada educando hábitos conscientes de respeito e cuidado com o seu próprio corpo e o corpo do companheiro. Também possibilita desenvolver nos educandos a capacidade de desnaturalizar atitudes de opressão, fazendo com que os mesmos se sintam indignados diante de injustiças contra os seres humanos e contra a natureza, quando falamos de opressões e danos causados à natureza e aos seres humanos pelo/a agronegócio/classe burguesa.

Para tanto, a escola, pode assumir o seu fazer pedagógico como atividades de criar em cada educando hábitos de afetividade e coletividade, de forma que os mesmos tenham compaixão, respeito e companheirismo (entre outras) para com o outro. Ao dimensionar, de maneira articulada, os objetivos formativos e os objetivos de ensino, a escola tem em perspectiva, fazer conexões que expressem a vinculação e as especificidades dos fenômenos naturais e dos fenômenos sociais, buscando em sua realização prática, elementos que permitam os educandos perceberem as contradições existentes, e por meio destas compreendam o que é movimento e como se dão os processos de transformação da natureza e da sociedade. Assim, o delineamento dos objetivos – formativos e de ensino – contribui no processo de formação dos educandos e de transformação da escola.

Fundamentadas nas proposições de Paulo Freire (2000), esta forma de educação das Escolas Itinerantes, busca sempre transformar os sujeitos dos Acampamentos (antigos excluídos do campo e da cidade), possibilitando a estes novas relações, nas quais possam constitui-se como sujeitos engajados na luta de classes. Assim, na medida em que os sujeitos

participam ativamente da luta pela reforma agrária, vão se transformando, situando-se de maneira consciente no confronto entre “dominantes e dominados” e ao atuarem para tornar a sociedade mais justa e igualitária, vão constituindo-se como sujeitos do processo histórico.

Entendendo que a luta do MST, contribui na formação dos sujeitos, a Escola Itinerante prioriza a participação das crianças nas reuniões e/ou atos políticos do Movimento e vice-versa, nunca deixando esquecer a razão pela qual a mesma foi criada (acompanhar as mudanças políticas e territoriais do Acampamento e ao mesmo tempo garantir o processo de escolarização). Para isso, as decisões mais relevantes em relação ao funcionamento político e estrutural da Escola Itinerante são tomadas em conjunto com os acampados e os educandos da escola, inclusive pelo fato de qualquer mudança ser (em sua maioria) bancada (financeiramente e politicamente) pelas famílias acampadas, já que a escola não recebe muitos recursos do Estado.

A Escola Itinerante é uma escola vinculada ao MST, que busca formar sujeitos políticos para a construção de uma nova sociedade. A mesma não possui muitos recursos financeiros para investir na qualificação das estruturas e de materiais didáticos para a escola, já que esta não recebe recursos públicos suficientes/necessários para tal. Portanto, a Escola Itinerante, no que diz respeito a materiais pedagógicos/didáticos e infraestruturas são um tanto quanto inferiores das outras escolas, sendo estes, na sua grande maioria fornecidos pela Comunidade acampada. Mesmo com tais dificuldades, a Escola Itinerante busca sempre qualificar o seu processo de ensino-aprendizagem, através de métodos pedagógicos alternativos sem se deixar levar pelas circunstâncias, buscando sempre superar suas necessidades, colocando-se numa perspectiva de educação contra hegemônica, como concretude da contra-hegemônica.

Durante os quinze anos de existência da Escola Itinerante no Paraná verificam-se avanços significativos no que diz respeito a sua proposta pedagógica. Nesse sentido, destacam-se os processos de formação continuada estruturadas a partir de atividades conjuntas entre professores, educandos e representantes das Comunidades. Tais momentos buscam potencializar a formação humana dos participantes, através de temas pertinentes às lutas das Comunidades, tais como a alimentação saudável, a agroecologia, a reforma agrária, o trabalho, a organização coletiva, entre outras.

Mesmo as Escolas Itinerantes que são forjadas no contexto da luta pela terra, elas carregam dentro de si elementos¹ da escola capitalista. De acordo com Baldotto e Morila (2016),

¹ No contexto das Escolas Itinerantes no Paraná, um desses elementos, diz respeito à composição do quadro de professores que feita por meio do Processo Seletivo Simplificado. Muitos desses educadores não possuem relação nenhuma com a realidade da luta pela reforma agrária, pelo fato de muitos deles nunca terem tido contato

a escola capitalista está baseada no ensino do que é necessário para o mundo da produção, vinculando seus conteúdos exclusivamente a isso. Seus conteúdos são totalmente desvinculados da realidade dos sujeitos, ou seja, pelo fato de estar em um sistema capitalista, sob controle do Estado, tais escolas produzem o necessário para formação de mão de obra, em detrimento de uma formação mais ampla dos sujeitos. Freitas identifica que:

Ao longo de séculos de capitalismo, a escola aprisionou o conteúdo estudado pelas ciências e auto declarou-se a única credenciada para transmiti-los à juventude dentro de salas de aula. As classes dominantes necessitavam de uma instituição que monopolizasse e homogeneizasse a formação da juventude, colocando-a em sintonia com a sociedade que a cerca – como consumidores e como força de trabalho, submetida à lógica do capital (FREITAS, 2011, p. 155).

Assim, verifica-se a escola e a sala de aula como construções históricas que tendem a reproduzir os valores da sociedade em que está inserida. Com o passar dos séculos e a solidificação do sistema capitalista, a escola tornou-se o que chamamos de instrumento monopolizador capitalista, já que a mesma está posta numa sociedade que segue a lógica do capital (FREITAS, 2009). A escola surgiu com o objetivo de homogeneizar a formação da juventude de acordo com os ideais classistas dominantes da burguesia já que

As classes dominantes necessitavam de uma instituição que monopolizasse e homogeneizasse a formação da juventude, colocando-a em sintonia com a sociedade que a cerca - como consumidores e como força de trabalho, submetida a lógica do capital (FREITAS, 2011, p. 155).

Por esse motivo, a escola tornou-se instrumento de dominação da classe capitalista sobre a classe trabalhadora. Tal dominação é exercida diariamente nas escolas, desde sua gestão até as práticas de ensino, de forma que os educandos aprendam primeiro a serem submissos para depois aprender os conteúdos científicos necessários (FREITAS, 2011).

Contudo, como dito, as Escolas Itinerantes, em consonância com a proposta educativa do MST, colocam-se na trincheira de uma educação contra hegemônica o que passa a exigir mudanças que precisam acontecer tanto no que diz respeito a teoria quanto no que diz respeito a prática. Para isso, o Setor de Educação do MST, amparado na proposta educativa do Movimento, intensificando uma gestão e um currículo voltados para realidade dos Sem Terra, busca transformar a realidade da escola. Um dos meios disso acontecer é através de uma organização do espaço escolar e uma abordagem teórica crítica, utilizando-se de assuntos

com a mesma. Outro aspecto relevante, diz respeito à experiência hegemônica com a forma escolar disciplinar, o que se traduz em processos avaliativos superficiais e não condizentes com a proposta educativa do MST e o próprio Projeto Político Pedagógico da escola.

ligados ao cotidiano dos educandos e promovendo temas que orientem e articulem o processo de ensino-aprendizagem a ser desenvolvido, de forma que sempre tenhamos uma escola que atenda as necessidades do espaço e movimento social onde ela está inserida.

Pelo fato de muitos educadores não possuírem uma formação diferente da capitalista, (pelo fato de os mesmos não terem acessado um modelo diferente de educação durante seu processo formativo), os mesmos encontram certa dificuldade (no início) de encontrar um modo novo de ensinar os conteúdos aos educandos. Porém, este é um limite que vai sendo superado aos poucos, com muita paciência e empenho. Com o objetivo de romper o modo capitalista de ensinar na Escola Itinerante, e para entender de uma vez por todas, a função social da escola como um lugar de transformação social e/ou luta de classes, a formação dos educadores é permanente. Tal necessidade é identificada primeiro porque é o que exige a sociedade, pelo fato de o conhecimento ser algo contínuo e ininterrupto, mas também pelo fato de os educadores em sua maioria, não possuírem formação específica para trabalhar em certas áreas do ensino. Portanto, para que a educação aconteça nos Acampamentos de reforma agrária, é necessária a formação continuada e a participação da Comunidade no processo educativo escolar.

Outro modo de superar a educação capitalista nas Escolas Itinerantes que vem sendo implantado, é a formação de professores do MST. O Movimento Sem Terra tem investido cada vez mais na formação de professores militantes do MST, com o intuito de firmar cada vez mais a Pedagogia do MST (CALDART, 2012), assim como a identidade das Escolas Itinerantes e os ideais formativos da Educação do Campo.

Sendo assim, pode se dizer que a Escola Itinerante, é hoje, a escola mais próxima das demandas da classe trabalhadora que se dispunha a realizar a luta por reforma agrária. A mesma compreende as especificidades dessa luta, além de seu ensino valorizar a identidade do trabalhador, esta busca adequar seu calendário escolar para atender as necessidades dos trabalhadores, possibilitando assim o acesso ininterrupto à escola, mesmo na condição de Acampamento.

A Escola Itinerante, em seu fazer pedagógico cotidiano, busca sempre fazer a ponte entre realidade local, cultura, vivência coletiva e transformação social, entendendo que não tem como mudar uma realidade sem conhecê-la. Por isso, para a Escola Itinerante a formação não acontece exclusivamente na escola. Pois, o MST e sua pedagogia, constituem-se como processos ampliados, muito complexos para ficarem presos dentro das paredes da escola. Porém, a escola, sem dúvida alguma, cabe dentro desses processos ampliados. Nesse sentido a Escola Itinerante busca sempre mobilizar seus educandos a viverem em coletivo, entendendo que é na coletividade que acontece a educação e a formação humana.

Como registrado anteriormente, compreende-se que a Escola Itinerante não está totalmente liberta da pedagogia capitalista pelo fato de estarmos dentro de um regime capitalista e, da mesma não estar totalmente solta da administração do Estado. De maneira geral, a escola capitalista tem por perspectiva primeira educar o sujeito apenas para o mundo do trabalho, o que limita-se a formação de mão de obra, deixando de lado a formação social e integral do sujeito. O Movimento Sem Terra, por sua vez, busca romper com esse propósito em suas escolas, adotando práticas contra hegemônicas. Dalmagro (2010) indica que a Escola Itinerante é o modelo contrário dos padrões rígidos de escolas que existem, pelo fato desta estar ligada à luta social e fazer desta, palco da execução/criação de uma educação que seja voltada para a transformação social, construída a partir dos princípios de um movimento social, cuja as práticas tem o objetivo de emancipação da classe trabalhadora.

2.3 AS MATRIZES FORMATIVAS NA ESCOLA ITINERANTE

Como expresso anteriormente, o objetivo principal do MST, no que se refere a formação dos sujeitos que o integram é educar os seres humanos em sua totalidade, levando em conta ainda, a continuidade das lutas sociais, sendo que como herdeiros desses processos, os sujeitos coloquem-se como lutadores e construtores de uma nova sociedade. Visto que não há uma forma melhor para dar início a esse processo senão partindo da escola que temos, o MST passa a atuar de maneira incisiva nas escolas dos Acampamentos e Assentamentos que o integram. Assim, foram criadas as Escolas Itinerantes com o objetivo de educar as novas gerações de modo que estas desenvolvessem uma nova visão de mundo em busca de alcançar estes objetivos propostos.

De acordo com o Plano de Estudos das Escolas Itinerantes,

não há desenvolvimento histórico (social e pessoal) sem contradições e as decisões tomadas para enfrentá-las. Por isso, não há como discutir um projeto educativo sem incluir a dimensão das relações sociais em que educandos e educadores se inserem para que aconteça a prática educativa (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013, p. 6).

As pessoas se formam se inserindo na materialidade do meio em que vivem, seja na cultura, na natureza ou na sociedade (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013). Com essa compreensão, as Escolas Itinerantes adotaram as matrizes formativas dos seres humanos como elementos essenciais de seu fazer pedagógico.

A Escola Itinerante surgiu e sempre buscou trabalhar conforme a proposta de educação do MST e da Educação do Campo. Essa escola busca formar o sujeito em sua totalidade,

conforme a realidade em que ele está inserido. Na Escola Itinerante, busca-se relacionar a formação do sujeito com a realidade social, sendo esta de forma histórica/processual. Assim, as matrizes formativas, fundantes da Pedagogia do Movimento (CALDART, 2012) e orientadoras do fazer pedagógico nas Escolas Itinerantes são “elementos materiais ou situações do agir humano que são essencialmente formadoras ou conformadoras do *ser* humano no sentido de constituir-lhe determinados traços que não existiriam sem a atuação desta matriz/desse agir” (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013, p. 6).

A escola itinerante se baseia numa concepção de educação que se compromete com a luta da classe trabalhadora em território de formação humana. Concepção de educação esta que busca orientar o trabalho pedagógico articulado as matrizes formativas da educação do MST, esta que é educada/orientada pelo próprio MST (LEITE, 2014), matrizes que são expressões da prática social do MST e cruciais para o processo formativo do ser humano, e nesta ocasião, o ser social Sem Terra, sendo elas: a pedagogia da **luta social**, da **ação coletiva**, da terra, do **trabalho**, da **cultura** e da **história** (CALDART, 2004, apud LEITE 2014, p. 258, grifo nosso).

Entende-se que o **trabalho** como matriz formativa fundamental, pois ele é sustentador da vida e da construção do mundo. Nesse sentido, não deve-se reduzir o trabalho apenas a seu aspecto produtivo ou como trabalho assalariado. Cabe aqui uma definição muito mais ampla, na qual o trabalho tem um sentido geral na própria formação do ser humano, e da luta para tornar os seres humanos trabalhadores, que superem todas as formas de trabalho alienado (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013). Nessa concepção é que as Escolas Itinerantes afirmam o trabalho como princípio do trabalho educativo nas escolas, como base dos conhecimentos científicos e da cultura. Porém, deve-se lembrar de que o trabalho desejado aqui, não é o trabalho assalariado e muito menos o trabalho familiar patriarcal, mas sim o trabalho que acarrete na mais total forma de cooperação entre os camponeses (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013). O trabalho em geral deve ser objeto de estudo científico nas escolas, buscando sempre introduzir este nas disciplinas de forma que sempre sejam criadas ações de trabalho coletivo.

Do mesmo modo, a **luta social** educa as pessoas. Esta faz com que os seres humanos não aceitem tudo aquilo o que lhes são imposto. Esta é a chave para que se mude o “estado das coisas” e a partir disso, possa se construir uma sociedade melhor. Não é tarefa da escola formar militantes que estejam sempre em estado permanente de luta, mas a escola pode garantir que seja criado no sujeito uma nova visão de sociedade e uma nova postura cotidiana fundada no vínculo com outros processos educativos (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013). Um modo de assegurar a **luta social** como matriz formativa no trabalho pedagógico da escola é a

participação dos educandos em atividades dos movimentos sociais, o estudo permanente da luta dos trabalhadores e a realização de tarefas do Movimento delegadas à escola (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).

As Escolas Itinerantes entendem que quando um educando participa de uma **organização coletiva**, esta cria traços fundamentais no perfil do sujeito: pessoas autônomas que saibam o que deve ser feito/construído, que saibam lutar para alcançar seus objetivos construtivos quanto coletividade. Esses aspectos devem ser pensados na sociedade como um todo e também na vida das pessoas de uma Comunidade. Participando de organizações coletivas, se cultiva um modo de vida coletivo, no qual as pessoas cultivam hábitos que lhes permitem trabalhar e agir coletivamente. Deste modo, “A **organização coletiva** se realiza especialmente articulada às matrizes da **luta social** e do **trabalho**” (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013, p. 10, grifo nosso). **Cultura** diz respeito ao conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade. Sabe-se que cada ser humano nasce inserido em uma cultura, esta que, com o tempo, pode ser modificada/transformada. Para os membros da Comunidade do campo, a cultura é ainda mais importante e deve ser trabalhada inserida em todas as disciplinas curriculares da escola, pois esta é a cultura do cultivo da terra, ou seja, a cultura camponesa (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013). Na escola, essa matriz formativa é tratada como destaque. Tal matriz é vista como uma crítica a forma de cultura capitalista impulsionada, sobretudo, pela indústria cultural que exacerba e amplifica as distintas formas de dominação. A cultura como matriz formativa é tida como forma de manter as raízes do Movimento na Escola e, por conseguinte, na Comunidade. Nessa matriz formativa trabalham-se formas de respeitar e desenvolver as potencialidades humanas. A matriz formativa da cultura deve ser trabalhada em todas as dimensões da escola, de forma que garanta educação artística e esportiva, o cultivo da identidade Sem Terra, desenvolvimento de valores humanos, políticos e sociais nos sujeitos, entre outras (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).

Os seres humanos se transformam na medida em que transformam a sociedade em que vivem. É a vivência com outras pessoas, cujas realidades são diferentes, que nasce no sujeito a vontade de superar as contradições vigentes, fazendo com que surja a partir daí a vontade de lutar e de transformar a si e ao mundo em que vive. A **história** se faz projetando o futuro a partir das lições do passado cultivadas no presente. E não há como ser e se manter como um lutador do povo sem uma perspectiva histórica (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013, p. 12). Para tanto, a escola necessita trabalhar a formação de consciência dos sujeitos, analisando a história no passado, buscando superar as contradições do presente e fazendo com que seja transformado

o futuro. Logo, este objetivo somente será alcançado quando os sujeitos da escola entenderem sua própria vida como parte da história e passar a entender a realidade histórica em um sentido amplo (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013). Essa matriz traz como potencialidade a possibilidade de ser trabalhada em todas as disciplinas curriculares, em total acordo entre memória histórica e situações/contradições cotidianas, cultivo de valores e costumes, entre outras.

As matrizes formativas junto aos objetivos formativos e aos objetivos de ensino, no contexto das Escolas Itinerantes, apontam para a necessidade de pensar a escola para além das salas de aula, tendo como espaço educativo a escola inteira e adotando a organização do trabalho pedagógico em tempos educativos, e que possuam práticas pedagógicas próprias da escola e dos povos que estudam nela. Tais características do trabalho pedagógico das Escolas Itinerantes serão abordadas a seguir, de forma que fiquem evidentes os resultados obtidos através destas práticas, essas que são vistas como uma das principais ferramentas de (trans)formação dos sujeitos/educandos da escola.

2.4 EDUCAÇÃO DO CAMPO E A ESCOLA ITINERANTE

A Educação do Campo surgiu a partir da necessidade dos trabalhadores do campo ter acesso a uma educação de qualidade vinculada as suas realidades. Segundo Caldart, na Educação do Campo,

[...] objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana (CALDART, 2012, p. 257).

Assim, de acordo com a autora, abordar a Educação do Campo, implica em voltar-se para três aspectos fundamentais: Campo, Políticas Públicas e Educação. A Educação do Campo não se constitui como algo fechado, ela está vinculada às necessidades e interesses da população de determinado território e, ao qual se vincula. Por isso, tratar conceitualmente da Educação do Campo é necessário compreendê-la em sua perspectiva histórica, em processo contínuo de construção.

Uma das características da Educação do Campo é a “instabilidade” (CALDART, 2009). Ela nasce diretamente da luta dos movimentos sociais e dos povos do campo, por uma educação de qualidade e emancipatória. De acordo com Caldart,

Ela nasce da ‘experiência de classe’ de camponeses organizados em movimentos sociais e envolve diferentes sujeitos, às vezes com diferentes posições de classe. Sim! A Educação do campo inicia sua atuação desde a radicalidade pedagógica destes movimentos sociais e entra no terreno movediço das políticas públicas, da relação com um Estado comprometido com um projeto de sociedade que ela combate, se coerente for com sua materialidade e vínculo de classe de origem. Sim! A Educação do campo tem se centrado na escola e luta para que a concepção de educação que oriente suas práticas se descentre da escola, não fique refém de sua lógica constitutiva, exatamente para poder ir bem além dela enquanto projeto educativo. E uma vez mais, sim! A Educação do campo se coloca em luta pelo acesso dos trabalhadores ao conhecimento produzido na sociedade e ao mesmo tempo problematiza, faz a crítica ao modo de conhecimento dominante e à hierarquização epistemológica própria desta sociedade que deslegitima os protagonistas originários da Educação do campo como produtores de conhecimento e que resiste a construir referências próprias para a solução de problemas de uma outra lógica de produção e de trabalho que não seja a do trabalho produtivo para o capital (CALDART, 2009, p. 38).

Quando falamos em Educação do Campo, estamos falando de contradições sociais, porém, há quem tente tratar da mesma sem falar nesse assunto, para que sejam “esquecidas” as desigualdades sociais. Também há quem queira falar da Educação do Campo sem abordar a questão das políticas públicas com receio de que ela seja corrompida (em relação aos seus ideais sociais primários) pelo poder do Estado. Algumas pessoas a tratam até como uma pedagogia, como se a Educação do Campo tivesse apenas propósitos educacionais. Devemos tomar cuidado ao pensar a Educação do Campo, buscando não separá-la dos três aspectos identificados por Caldart (2008) – Campo, Políticas Públicas e Educação –, pois fazer isso seria deturpar a vinculação intrínseca entre a questão política e a questão pedagógica que é a sustentadora primeira da Educação do Campo.

A Educação do Campo surgiu da necessidade de luta contra a ideia de que o campo é um lugar apenas para se produzir e que por isso, não é necessário pessoas e muito menos educação. Por esse motivo, o debate sobre Educação do Campo, ultrapassa o limite da escola, mas ao mesmo tempo, volta-se para os conteúdos, a forma e a própria relação com os sujeitos que fundamentam a prática da escola. De acordo com Martins,

Os posicionamentos a favor da especificidade da educação do campo encontram uma crítica constante, pautada na seguinte premissa: Ao estabelecer a especificidade da educação do campo, incorre-se no erro de dicotomizar o sistema de ensino, fazer uma oposição frontal entre rural e urbano, campo e cidade, matuto e cidadão. Em nome de uma pretensa unidade, o que se observa é o descaso em relação à população camponesa; o estabelecimento de uma política de “extensão” dos saberes “cultos” da “vida urbana” para o campo. Enfim, a escola do campo é tratada como um apêndice da escola urbana, precariamente estabelecida sobre bases estranhas à sua síntese social, que é responsável por sua condição de existência (MARTINS, 2009, p. 03).

Vale lembrar que o debate da Educação do Campo não está vinculado a uma concepção de educação reducionista, deste modo, as premissas que impulsionam esse debate não servem apenas para os povos que vivem no campo, mas sim, diz respeito a uma universalidade educacional trabalhada de forma vinculada a realidade dos sujeitos. Antes da Educação do Campo, o que se tinha era uma Educação Básica Rural destinada aos povos do campo. Educação esta que não dava conta de dar acesso ao conhecimento necessário e que atendesse as demandas formativas dos povos trabalhadores do campo (Ribeirinhos, Quilombolas, Sem Terras, Indígenas, entre outros).

Do mesmo modo, ao tratar da Educação do Campo no contexto escolar, num primeiro momento, o que vem a cabeça é a ideia de uma escola exclusiva para o campo, que seja diferente do modelo de escola da cidade, porém não é essa a ideia. Segundo Caldart,

A crítica originária da Educação do Campo à escola (ou à ausência dela) nunca defendeu um tipo específico de escola para os trabalhadores do campo. Sua crítica veio em dois sentidos: sim, a escola deve estar em todos os lugares, em todos os tempos da vida, para todas as pessoas. O campo é um lugar, seus trabalhadores também têm direito de ter a escola em seu próprio lugar e a ser respeitados quando nela entram e não expulsos dela pelo que são... Como lugar de educação, a escola não pode trabalhar 'em tese': como instituição cuja forma e conteúdo valem em si mesmos, em qualquer tempo e lugar, com qualquer pessoa, desenvolvendo uma 'educação' a-histórica, despolitizada (ou falsamente despolitizada), asséptica... (CALDART, 2009, p. 46).

Ao pensar a escola do campo, a referência considerada é de uma escola que possa vincular suas práticas formativas, seu currículo e principalmente que seus profissionais possam relacionar suas práticas à realidade que aquele lugar onde a escola está inserida nos impõe (CALDART, 2009), práticas estas que devem ser relacionadas ao trabalho, à cultura, à luta social, à organização coletiva e à história, como visto anteriormente, ou seja, vincular e orientar o fazer da escola a partir das várias matrizes formativas do ser humano em suas múltiplas dimensões.

A Educação do Campo surgiu em meio a um “campo minado”, onde predomina a ofensiva do capital internacional sobre o campo e os trabalhadores que vivem nele (CALDART, 2009), no intuito disseminar de maneira incessante a agricultura empresarial. Por esse motivo, é que a Educação do Campo com seus ideais de valorização do campo e dos seus povos, da Agricultura Familiar e Camponesa e do respeito e cuidado com o meio ambiente são de certa forma, “mal vistos pelo agronegócio, já que para este e com sua “lógica de expansão do capitalismo no campo, ou a lógica de pensar o campo como lugar de negócio, não inclui, não precisa das escolas do campo” (CALDART, 2009, p. 48).

Nesse sentido, os movimentos sociais buscam intensificar cada vez mais a luta pelas escolas do campo e por políticas públicas que atendam as demandas desta população, colocando-se na tentativa de garantir uma concepção de educação que contribua e afirme a identidade dos trabalhadores no campo.

Ao pensar na Educação do Campo, é preciso ter em mente que o campo é uma grande parte do país, constituindo-se como a base de sustentação de qualquer nação. Portanto, para se falar de transformação e emancipação social é necessário levar em conta a transformação do campo e deixar de lado a ideia do campo (e as pessoas que vivem nele) como algo irrelevante e atrasado.

Graças aos movimentos sociais, vinculados a luta pela terra, essa realidade de descaso com a população camponesa veio sendo transformada, por conta de várias mobilizações desses movimentos em favor da Educação do Campo, tanto é que aconteceram conferências e eventos que pressionaram o Estado a aprovar as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (BRASIL, 2001).

De acordo com Molina (2010), com a luta dos movimentos sociais do campo, conseguiu-se a implantação de políticas públicas que garantissem:

- Programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA);
- Acesso a uma educação de nível básico pública, gratuita e de qualidade, com uma gestão democrática, incluindo a participação da família e da Comunidade nas decisões em relação às ações e a fiscalização das verbas públicas investidas;
- Apoio a iniciativa de renovação dos currículos escolares, nos diferentes níveis educacionais; criação de escolas técnicas regionais que combinem o Ensino Médio com uma formação profissional;
- Processo específico de seleção de professores para trabalhar nas escolas do campo;
- Programas de formação de educadores/as do campo;
- Inclusão de disciplinas específicas nos cursos profissionalizantes/superiores;
- Apoio à produção de materiais didáticos e pedagógicos voltados para os interesses do campo;
- Apoio à realização de pesquisas e estudos que sirvam como subsídio para a implantação de uma proposta de educação de qualidade no campo;
- Propostas de políticas públicas que associem educação com diferentes questões de desenvolvimento social;
- Programas de valorização e de apoio às elaborações culturais próprias e de intercâmbio; programas que combinem a produção e a formação profissional na construção de um projeto de desenvolvimento do campo;

- Financiamento (por parte do Estado) de processos educativos criados e geridos por iniciativa das Comunidades rurais e de movimentos populares.

Contudo, para concretização dessas ações e para que as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (BRASIL, 2001) encontrem sua efetividade, o que tem se visto, é a necessidade constante da luta dos povos trabalhadores do campo. Isso fica evidente na própria configuração da política pública que, como ação do Estado, são produzidas nas tensões entre as classes sociais. Um exemplo disso é a educação (nos níveis básicos) pública, gratuita e de qualidade. Verifica-se que no que tange as características “pública e gratuita” estas são minimamente garantidas. Porém, quanto à “qualidade” esta nem sempre é garantida, ainda mais quando ela é vinculada aos interesses e perspectiva dos sujeitos a que se destina. Portanto, pode-se afirmar que a maioria das políticas públicas, dentre elas as da Educação do Campo, são oferecidas, porém, nem sempre cumpridas em sua totalidade. Basta olhar para a realidade da grande maioria das escolas do campo e notar-se-á que tais políticas públicas dificilmente são cumpridas pelo Estado. Daí a necessidade constante de luta pelos movimentos sociais do campo, para assegurar que as políticas sejam cumpridas de maneira satisfatória.

De modo geral, as Escolas Itinerantes surgiram da necessidade das famílias acampadas em ter uma escola que acompanhasse a itinerância da luta pela terra. Com isso, essa escola é forjada diretamente à luta dos sujeitos Sem Terra. Para o MST, a escola não é somente um lugar de ensinar conteúdos científicos de forma desvinculada da realidade dos educandos, mas sim de trabalhar a realidade dos educandos de forma que possam ser atendidas todas as exigências práticas e teóricas em suas ações, buscando criar ambiente de formação humana distanciados do domínio do Estado (FREITAS, 2011) e da lógica do sistema capitalista.

Com o objetivo em uma educação que se oponha a lógica de subordinação da classe trabalhadora ao capital, surgiu a Educação do Campo, uma proposta de educação que atendesse às demandas educacionais da classe trabalhadora sem cometer a desvalorização dos povos trabalhadores do campo e sua cultura. Essa proposta de educação traz consigo a valorização da realidade dos sujeitos que vivem no campo, valorização essa que acontece por meio de práticas condizentes às demandas de superação das necessidades de ter um educação e políticas públicas específicas para os povos do campo e não ter uma “extensão dos saberes ocultos da vida urbana no campo (MARTINS, 2008). Para que se tenha uma escola específica para os povos do campo e não apenas uma escola que é a extensão do “urbano” no campo, a escola precisa ter como referência a vida, e por isso, precisa ter práticas pedagógicas complacentes a realidade dos sujeitos que estudam nela e que sejam trabalhadas de forma a ultrapassar os limites do espaço da escola.

3 PRÁTICA PEDAGÓGICA COTIDIANA NA ESCOLA ITINERANTE CAMINHOS DO SABER E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Este capítulo é iniciado com a definição de práticas pedagógicas e a evidência de sua importância no processo de formação dos sujeitos. Tendo em vista que a escola do campo necessita desenvolver práticas pedagógicas relacionadas à vida dos sujeitos que nela estudam, entendemos a pertinência de uma educação com práticas que confrontem o atual sistema de educação excludente da escola, e que para isso, é necessário que os professores se conscientizem de suas práticas diárias no sentido e adequá-las a perspectiva de educação almejada. Na sequência são analisadas as práticas pedagógicas da Escola itinerante Caminhos do Saber, ressaltando elementos do Plano de Estudos e o Projeto Político-Pedagógico (PPP) das Escolas Itinerantes do Paraná. Com isso, verifica-se a incidência das matrizes formativas e dos objetivos formativos e de ensino no trabalho pedagógico da escola, buscando delinear as práticas pedagógicas escolares sustentadas na experimentação dos Ciclos de Formação Humana com Complexos na realidade da Escola Caminhos do Saber, tendo em conta as práticas pedagógicas realizadas, sejam elas: Planejamento Coletivo e Interdisciplinar, Coletivo de Educadores, Trabalho e vínculo com a realidade, Auto-organização dos estudantes e Processo de avaliação na escola. Tais práticas articulam-se e sustentam a proposta pedagógica da escola na tarefa de formar os sujeitos críticos e/ou científicos que sejam (trans)formadores de uma nova sociedade.

3.1 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA ITINERANTE CAMINHOS DO SABER

Os povos trabalhadores do campo no Brasil sempre foram uma parcela da sociedade menos favorecida no que diz respeito aos conhecimentos escolares, por serem vistos como um povo atrasado. Tais sujeitos sempre foram deixados de lado em relação aos conhecimentos científicos e à educação escolar e, quando acessavam tal formação essa era totalmente desvinculada de sua realidade o que, por vezes, acarretava uma possível incompreensão dos conteúdos por parte dos educandos.

Em acordo com a abordagem de Freitas, compreendemos que “[...] se são várias as agências formativas, nosso campo educacional não se limita somente à escola, mas transborda em relação ao meio natural e social (FREITAS, 2011, p. 158)”. Tendo em vista que a escola deve ter como referência a vida, é necessário que a escola possua práticas pedagógicas

condizentes com o meio social em que está inserida, além de que estas práticas sejam contrárias ao ensino excludente do capital expressas nas formas hegemônicas de educação escolar.

Nesse quadro insere-se a necessidade de analisar a efetividade das práticas pedagógicas que dão base para a ação da escola. Entendemos a prática pedagógica como uma ação realizada na escola, relacionada ao mundo, à educação e ao ser humano. Como ações que sustentam o processo de ensino-aprendizagem na escola, levando em conta as questões da realidade dos sujeitos e da escola. Esta formação não é somente dentro da escola, mas sim em todos os espaços, de forma que os sujeitos possam vir a atuar na realidade, buscando mudar a realidade e a si mesmo (SILVA, 2009).

Sendo assim, é necessário que seja pensada uma educação que busque confrontar e superar o sistema educacional excludente, dentro das possibilidades reais, presentes na atual escola. Entretanto, é necessário destacar que para que tal superação aconteça, é preciso pensar práticas pedagógicas complacentes aos objetivos de uma educação contra hegemônica. Dessa forma, é importante entender que

[...] uma aula ou um encontro educativo tornar-se-á uma prática pedagógica quando se organizar em torno de intencionalidades, bem como na construção de práticas que conferem sentido às intencionalidades. Será prática pedagógica quando incorporar a reflexão contínua e coletiva, de forma a assegurar que a intencionalidade proposta é disponibilizada a todos; será pedagógica à medida que buscar a construção de práticas que garantam que os encaminhamentos propostos pelas intencionalidades possam ser realizados. (FRANCO, 2016, p. 536, apud SOUZA, 2017, p. 47).

Sendo assim, muitos docentes, que ainda são reprodutores da educação classista, ainda não compreendem a importância do seu papel em sala de aula e das práticas pedagógicas desenvolvidas. Deve-se entender o conceito de práticas pedagógicas conforme a amplitude de que esta necessita. Por isso, práticas pedagógicas não são meramente o modo como são conduzidos os ensinamentos em sala de aula, vai muito além disso, (MARTINS; MORAES; SANTOS, 2014) . Práticas pedagógicas constituem-se como meio de potencializar o processo de ensino-aprendizagem na escola de forma que aborde e materialize as concepções de cunho social, político e econômico presentes e sustentadoras na proposta pedagógica escolar. Portanto,

Simultaneamente, tais aspectos do contexto social exigem do docente, novas formas de direcionar sua prática, pois, “a profissão docente é uma prática educativa, é uma forma de intervir na realidade social, no caso mediante a educação” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2008, p. 178, Apud MARTINS, MORAES; SANTOS, 2014, p. 193). E sendo a educação uma prática social implicada na relação teoria e prática, “é nosso dever como educadores, a busca de condições necessárias a sua realização” (VEIGA, 1989, p. 16, apud, MARTINS, MORAES; SANTOS, 2014, p. 193).

Desta forma, é necessário o entendimento, por parte dos docentes, de que as práticas pedagógicas constituem a essência do trabalho docente, buscando formas de melhorar o processo de ensino-aprendizagem, conscientizando-se de que

[...] a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo. É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação (FREIRE, 1979, p. 40, apud, MARTINS, MORAES; SANTOS, 2014, p. 193).

Neste sentido, compreende-se que para que o professor consiga realizar com qualidade o seu trabalho, o mesmo necessita analisar e (re)pensar constantemente sobre suas ações em sala de aula, buscando conscientizar a si e aos educandos do seu papel de sujeito construtor de uma nova sociedade. Portanto, faz-se necessário um olhar mais aprofundado para as práticas pedagógicas da escola, sendo essas, muitas vezes, trazidas pelo sistema classista ao professor, de forma superficial, ou seja, que não dá conta de atingir o potencial formativo que se espera alcançar por meio da escola (MARTINS, MORAES; SANTOS, 2014). Deve-se ter ciência de que as práticas pedagógicas “[...] abrange[m] a educação não apenas no ambiente escolar, mas no tecido das relações sociais que determinam o aprender” (SOUZA, 2017, p. 48). Aprender esse, que é determinado/orientado pela realidade local e pelo processo de formação histórico individual e coletivo, possibilitando através dessas questões, o caráter formativo multifacetado da escola.

Conforme já analisado anteriormente, um dos elementos que dá sustentação às práticas pedagógicas das Escolas Itinerantes e, que não são encontradas em outras escolas, é a presença dos objetivos formativos em sua conexão direta como os objetivos de ensino, sendo que ambos colocam-se como estruturantes dos Planos de Ensino. Os objetivos formativos e os objetivos de ensino possuem uma relação muito importante no que diz respeito a capacidade de agir de forma organizada, de realizar análises escritas e mentais da realidade política, social e econômica da Comunidade. Além destas, o delineamento desses objetivos contribuem no que diz respeito à ampliação dos conhecimentos artísticos e culturais da comunidade e do mundo; criam-se também atitudes de valorização e respeito para com o outro, possibilitando nos educandos ações de afetividade e coletividade, contribuindo assim, para que os educandos possam viver em sociedade. Tais elementos surgem das matrizes formativas que, relacionadas aos objetivos formativos e de ensino, fazem com que a escola seja pensada para além da sala de aula, estabelecendo tempos de estudos e criando a necessidade de práticas pedagógicas que

consigam suprir as necessidades dos povos que estudam nessa escola, na medida em que a vida é vista como ponto central no trabalho pedagógico.

Essa relação entre objetivos formativos e objetivos de ensino toma concretude na Escola Itinerante Caminhos do Saber e passa a ser o eixo de realização do processo de ensino-aprendizagem. Os objetivos formativos são direcionados à formação humana, formação esta que em muitos casos, os objetivos de ensino não dão conta de contemplar. Porém, ambos objetivos – formativos e específicos – relacionam-se e dão sustentação aos processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos.

No contexto da Escola Itinerante Caminhos do Saber, para alcançar os objetivos formativos e de ensino na escola, são implantadas/realizadas diversas práticas pedagógicas, dentre as quais se destacam: o Planejamento Coletivo e Interdisciplinar, o Coletivo de Educadores, o Trabalho e vínculo com a realidade, a Auto-organização dos estudantes e o Processo de avaliação na escola.

Do mesmo modo, as matrizes formativas da Pedagogia do Movimento (CALDART, 2012), conforme apresentadas anteriormente, constituem-se como elementos impulsionadores das práticas pedagógicas na Escola Itinerante Caminhos do Saber. Neste aspecto, a matriz formativa do trabalho toma concretude no seu fazer prática por meio do trabalho socialmente necessário desenvolvido pelos educandos na escola. Como por exemplos verificáveis disso, na Escola Itinerante Caminhos do Saber têm-se a limpeza do pátio da escola, a organização das salas de aula e da biblioteca (mesmo a escola tendo agentes de serviços gerais), o cultivo na horta, o auxílio às cozinheiras, entre outras. Essas atividades de autosserviço, caracterizadas como trabalho socialmente necessário, são realizadas pelos educandos da escola e, são assumidas em seus aspectos formativos. Assim como (PISTRAK, 2011), a Escola Itinerante Caminhos do Saber, em sua proposta pedagógica, entende que tais trabalhos podem e devem ser realizadas pelos educandos da escola e, por meio dessa realização as crianças podem vivenciar hábitos socialmente úteis, de forma que estas tarefas influenciem as crianças e na medida que estas são influenciadas, as mesmas possam também influenciar as famílias em casa. Outro aspecto que expressa a relevância formativa de tais atividades na escola é que, na medida em que os autosserviços são realizados pelos educandos, vão sendo criados hábitos de cooperação, respeito e cuidado com as estruturas da escola e entre os sujeitos participantes desse processo.

Segundo LEITE (2014), a realização do autosserviço na escola contribui para romper com a lógica de inferiorização do trabalho manual e a supervalorização do trabalho intelectual. Por esse motivo é que tais tarefas devem sempre estar atreladas aos conteúdos das disciplinas,

buscando sempre trazer presente o conceito de práxis, defendido por Marx, principalmente quando se trata do trabalho na horta, por se tratar da agroecologia e das condições básicas de existência das famílias e até mesmo, dos educandos na escola, por meio da produção de alimentos. Por esse motivo é que

[...] esta prática pedagógica foi realizada a partir da observação do processo de subsistência das famílias acampadas: o processo de produção desde o plantio até a colheita. Acompanhamos a preparação da terra e plantação das sementes crioulas, sementes produzidas aqui no acampamento. A partir disso, trabalhamos ciclo de vida das plantas, suas partes, hábitos alimentares dos animais, agroecologia, técnicas de produção, medidas agrárias, calendário de produção das plantas: processo de fotossíntese, ciclo da água, diversidade de plantas, custo de produção, comercialização. Período de colheita: adubação da terra, adubo orgânico x adubo químico, classificação e consumo das sementes. A partir dessa prática pedagógica, os educandos passaram a entender melhor o ciclo de vida das plantas, desde o nascimento, crescimento, reprodução e seu término, que pode ser a morte ou colheita do produto. Foi despertada muita curiosidade, sobre cada momento de estudo, possibilitando-os o conhecimento de variedades de plantas nativas ou nascidas por sementes. Levando em consideração que alguns educandos/as entendem melhor o conteúdo na prática, o que na teoria, por mais esse motivo, essa prática pedagógica teve mais um lado positivo. (ACAP, 2012, p. 56. apud, LEITE, 2014, p. 270).

Nessa perspectiva, e considerando o conjunto das matrizes formativas, bem como, a articulação entre objetivos formativos e objetivos de ensino no fazer da escola é que foi criado o currículo das Escolas Itinerantes do Paraná, constituído no Plano de Estudos das Escolas Itinerantes (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013). Esse documento, produzido coletivamente e como expressão da proposta educativa do MST na escola está estruturado na articulação dos conteúdos escolares às práticas do cultivo da terra, de existência das famílias nos Acampamentos, entre outras temáticas vinculadas a luta do MST e à Educação do Campo, tendo em vista que o conhecimento é fruto do trabalho humano. Vale ressaltar que este currículo não possui conteúdos diferenciados das demais escolas do Paraná, o que os diferencia das demais escolas são os encaminhamentos metodológicos e as práticas pedagógicas que os sustentam e são produzidos a partir dele.

Sobre o currículo das Escolas Itinerantes, o Pedagogo Y, ressalta que

Os componentes curriculares são os mesmos das escolas estaduais do Paraná, o que muda são os encaminhamentos metodológicos, o objetivo da educação e a forma escolar. Nos encaminhamentos metodológicos estabelecemos uma conexão real com a vida, materializada pelas porções da realidade. Um exemplo concreto que poderíamos citar seria de um conteúdo do sexto ano, tratamento de informações; tabela. O objetivo é interpretar os dados estatísticos, mas que dados? Portanto, partimos de uma realidade concreta, produção de alimentos das famílias. Aqui poderíamos ter arterializado a relação, mas não, pois buscamos dar sentido real dos conteúdos aos/as estudantes e também de ensinar e formar concomitantemente. Nossas práticas pedagógicas buscam colocar em movimento as várias dimensões do ser humano, e não somente o cognitivo (Pedagogo Y, 2019).

Como dito, o MST por meio das Escolas Itinerantes busca formar sujeitos críticos que possam de alguma maneira, lutar para que a realidade da classe trabalhadora seja transformada desde sua perspectiva de classe. Nesse aspecto afirma-se que “A luta social educa para a capacidade de pressionar as circunstâncias a fim de que se tornem diferentes do que estão” (ESCOLA ITINERANTE DO PARANÁ, 2009, p. 28). Ou seja, “educa para formar uma postura de lutador do povo que compreenda que nada é impossível de mudar e quanto mais inconformado com o atual estado das coisas, mais humana é a pessoa” (MST, 2005 apud LEITE, 2014, p. 272).

Outra Matriz Formativa que se faz presente na prática pedagógica da Escola Itinerante Caminhos do Saber é a Luta social. Esta está presente tanto no estudo das disciplinas, quanto em atividades formativas que acontecem por meio de práticas de luta por melhores direitos à classe trabalhadora, vinculadas ao MST e a luta pela reforma agrária. Como exemplos dessa realização estão o Encontro da Juventude Sem Terra, o Encontro dos Sem Terrinhas, entre outras atividades conjunturais organizadas desde as necessidades do Acampamento e da luta pela reforma agrária. Todas essas práticas, vinculadas à luta social, são vistas pela escola, como relevantes para o processo de formação social e teórica dos educandos.

Porém, é importante salientar que, para que essas práticas possibilitem o esperado no que tange ao processo de ensino-aprendizagem, as mesmas devem ser realizadas de maneira interligada à realidade dos educandos e não como um simples conteúdo totalmente desconexo do lugar onde escola e educandos estão inseridos. Essa imersão na realidade potencializa a conexão entre teoria e prática, tendo sempre a preocupação de não tornar a escola, um local somente para realização do autosserviço, da luta social e de outras tantas práticas relevantes. Mas pelo contrário, isso necessita estar atrelado à função primeira da escola, seja ela, voltar-se para o trato do conhecimento. É na articulação do conhecimento a partir das matrizes formativas e dos objetivos formativos e de ensino e sem desconsiderar a teoria, que a escola vinculada a realidade objetiva em que se insere pode ultrapassar o limite de centralizar o estudo apenas em sala de aula, mas sim integrando-o à sociedade, compreendendo-a como espaço de construção de um mundo mais justo e igualitário.

Na sequência serão analisadas algumas das práticas pedagógicas que dão sustentação ao processo de ensino-aprendizagem na Escola Itinerante Caminhos do Saber, sendo elas: o Planejamento Coletivo e Interdisciplinar, o Coletivo de Educadores, o Trabalho e vínculo com a realidade, a Auto-organização dos estudantes e o Processo de avaliação na escola. Essas práticas pedagógicas foram destacadas porque, no contexto da escola Itinerante Caminhos do

Saber, constituem-se como expressão da proposta de educação contra hegemônica que o MST almejava. Colocam-se como construção da escola do campo no contraponto à escola capitalista e como possibilidade de superar a fragmentação do saber e realizar formação humana dos sujeitos Sem Terra, a partir de práticas pedagógicas escolares orientadas para esse fim e desenvolvidas nas Escolas Itinerantes.

3.1.1 Planejamento Coletivo e Interdisciplinar

A Escola Itinerante Caminhos do Saber, como já foi registrado anteriormente, possui práticas diferenciadas das demais escolas públicas da região. Essas práticas estão vinculadas a participação coletiva, ao trabalho socialmente necessário, a auto-organização dos educandos, aos processos e instrumentos avaliativos, ao coletivo de educadores, a forma de como o processo de ensino-aprendizagem vincula-se a realidade, entre outras e, colocam-se numa perspectiva contra hegemônica de educação. Nesse sentido, a Escola Itinerante busca trabalhar embasadas na Porção da Realidade, que segundo Leite, são compreendidas como

[...] recortes da realidade repletos de sentido para a vida dos estudantes, expressos como relevantes para inter-relacionar com os conteúdos instrucionais, apresentando-se como alternativa por articular o conteúdo escolar à prática social. As porções da realidade são expressões da prática social que permitem estudar e compreender como as múltiplas determinações, atingem determinada prática social. Desta forma, exige que se aglutinem diversas disciplinas acerca de uma mesma porção da realidade, para buscar compreender a unidade do diverso, a totalidade das relações expressas em determinada porção (LEITE, 2014, p. 265-266).

As Porções da Realidade definidas para serem estudadas, ligadas/atreladas aos conteúdos, são definidas através do Inventário da Realidade, que consiste em um levantamento de aspecto e informações da realidade da Comunidade onde a escola está inserida. Este levantamento é feito pelos membros da escola, em parceria com alguns Setores² do Acampamento, como por exemplo, o Setor de Formação Humana. Este inventário é produzido através de observações *in locu* e entrevistas com os moradores da Comunidade cujo roteiro se baseia em quatro aspectos: 1) Caracterização da realidade (nome do Município, do Acampamento e da escola, histórico da Comunidade e suas características culturais e sociais); 2) Lutas sociais na Comunidade e entorno dela (saúde, educação, direitos sociais, água, entre

² São instâncias de organização coletiva do acampamento. O acampamento possui nove setores, cada um desse sendo responsável por áreas organizativas do acampamento, como saúde, disciplina, educação, produção, entre outras. Tais instâncias são responsáveis por realizar e supervisionar tarefas de diferentes áreas para que o acampamento mantenha-se organizado de maneira correta.

outras melhorias da Comunidade); 3) Formas de organização da Comunidade e da escola (agências formativas e fontes educativas: igrejas, associação, quadras de esportes, entre outras); 4) Formas de trabalho presentes (artesanato, agricultura, comércio, entre outros). Todas essas informações são reunidas em um texto e organizadas por categorias (MST, 2014). A seguir apresentaremos uma síntese do Inventário da Realidade.

Tabela 1 – Síntese do Inventário da Realidade

Lutas	Organização	Trabalho
Luta pela terra/ reforma agrária popular; pela educação; pela saúde; acesso e permanência na terra. Luta pela agroecologia. Luta: Gênero (participação de poder). Luta pela cidadania (título de eleitor, bloco de produtor, endereço, RG). Luta pela organização	Formas de organização no acampamento NB; Setores; Coordenação; Direção; Brigada; Associação; Grupo de Jovens/Adolescentes; Grupo de Mulheres; Assembleia. Formas de organização da escola - Coordenação da escola do acampamento; APMF/ Conselho Escolar; Coletivo de educadores (grupo de estudo); NB dos educandos(as) (acampamento); Grêmios estudantis; Conselho de Classe participativo; Equipes de Trabalho; Reunião de pais/ Assembleia; Coordenação de turmas (educandos/as)	Produção familiar (subsistência e comercialização): - Plantio e colheitas; Produção leiteira;- Criação de animais, Autosserviço: Trabalho doméstico; Organização do espaço escolar; Embelezamento; Cuidado das crianças; Proteção de fontes; Plantio de árvores; guarda no acampamento. Empreitada: Venda da força de trabalho: Colheitas; Pedreiro; Pintor; Mutirões: Oficina: Horta, Cooperativas do agronegócio (não há registros de cooperativas do MST no entorno de nenhuma das escolas). Indústria. Agentes de Saúde

Fonte: MST, 2014.

Com a produção do Inventário da Realidade, nota-se que os educadores estão sendo cada dia mais desafiados, no que diz respeito a sua elaboração e atualização desse instrumento, que deve acontecer gradativamente, devendo (no mínimo) ser atualizado uma/duas vezes por ano.

Com o trabalho pedagógico embasado nas Porções da Realidade, torna-se inviável ter planejamentos individualizados, já que se deve envolver o máximo de disciplinas possíveis na elaboração de um planejamento. Nesse sentido, é imprescindível a construção coletiva de planejamentos interdisciplinares para melhor entender determinadas Porções da Realidade.

Dessa forma o **Planejamento Coletivo e Interdisciplinar** tem se colocado como ponto chave nas Escolas Itinerantes que tem conseguido reunir os educadores para planejar e avaliar o desenvolvimento coletivo dos educadores e/ou educandos. Esta prática acontece mais facilmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Porém, sua realização ainda é um desafio, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Em algumas escolas, as dificuldades estão atreladas ao fato dos educadores morarem longe um dos outros e

darem aula em outras escolas, dificultando assim, o deslocamento e o encontro dos mesmos. Sendo assim, um dos grandes desafios das escolas é buscar formas para que aconteça com mais frequência, a construção coletiva dos planejamentos dos anos finais e do Ensino Médio na escola. Segundo o educador Y, coordenador das Escolas Itinerantes do Paraná e atualmente pedagogo da Escola Itinerante Caminhos do Saber,

Semestralmente elaboramos o **PTD [Plano de Trabalho docente]**, ainda não conseguimos avançar na sua construção coletiva. Porém buscamos conectar por meio dos **encaminhamentos metodológicos e avaliação** com todos os **elementos da proposta dos Complexos**, das **porções da realidade**, das **matrizes formativas**, do **trabalho**, dos **objetivos formativos e de ensino**, da **auto-organização** e com os mais variados **tempos educativos**. Ainda temos limites na conexão do tempo aula com os demais tempos educativos. Infelizmente ainda há um planejamento específico de cada tempo, com pouca conexão de uma com o outro (Pedagogo Y, 2019, grifo nosso).

Para garantir que a proposta educacional das Escolas Itinerantes seja efetivada por meio de práticas pedagógicas contra hegemônicas foram elaborados um conjunto de documentos orientadores para esse processo. Um desses documentos é o Plano de Trabalho Docente de cada educador. Nele os educadores sistematizam detalhadamente como serão organizadas suas aulas, tendo em conta a realização de atividades teóricas e práticas. Na Escola Itinerante Caminhos do Saber, este documento é elaborado semestralmente e não por bimestre como nas demais escolas. Cada educador dedica três dias (da semana pedagógica), para elaboração/qualificação do Plano de Trabalho Docente.

Na Semana Pedagógica³, realizada semestralmente na Escola Itinerante Caminhos do Saber, são destinados momentos para retomada do Inventário da Realidade e definição dos Complexos de Estudos⁴ que serão trabalhados naquele semestre letivo. Neste momento, também são elaboradas as justificativas das opções feitas, se definições dos conteúdos de cada disciplina a serem trabalhados, é estabelecida a relação dos objetivos formativos com os objetivos de ensino em cada disciplina/turma, além de serem delineados os procedimentos metodológicos que deverão ser realizados em cada disciplina e as avaliações dessas. Esse conjunto de elementos constitui o Plano de Trabalho Docente.

³ Os três primeiros dias de cada semestre do ano letivo. Nestes dias se reúnem os educadores, auxiliares administrativos e a coordenação pedagógica da escola para planejar ações pedagógicas e administrativas que serão realizadas no decorrer do semestre, além de serem realizados estudos de materiais que contribuam na qualificação do processo de ensino-aprendizagem na escola. Realiza-se também a construção do Planejamento coletivo e interdisciplinar com todos os professores, com o objetivo de qualificar os conteúdos trabalhados e a proposta pedagógica escolar entorno da coluna da vida. Além dessas atividades, os educadores realizam a elaboração do Plano de Ação da escola, este que é um planejamento de todas ações a serem feitas pela escola, desde eventos escolares até estudos com os educadores/moradores da comunidade.

⁴ Nas Escolas Itinerantes do Paraná os Complexos de Estudos são elementos estruturantes na organização dos conhecimentos escolares. Na sequência do trabalho essa questão será melhor desenvolvida.

Além do momento destinado a elaboração do Plano de Trabalho Docente, o professor deve garantir durante todo o semestre, momentos para realizar a atualização desse documento, inserindo novas práticas metodológicas e possíveis novos métodos avaliativos que possam ser utilizados no decorrer de suas aulas, de forma que o Plano de Trabalho Docente passe a ser cada vez mais adequado ao perfil da turma em questão. Por isso entende-se que a elaboração do Plano de Trabalho Docente é algo processual/contínuo que vai desde o início até o final do semestre. A seguir é apresentado um quadro-síntese com o Roteiro do Plano de Trabalho Docente utilizado na Escola Itinerante Caminhos do Saber:

Tabela 2 - Roteiro de Plano de Trabalho Docente

I – NOME DA ESCOLA ITINERANTE	Descrição de nome da escola, acampamento, município e modalidades da escola.
II – EDUCADORES ENVOLVIDOS	Descreve o nome completo e a formação dos educadores(as)
III – DISCIPLINAS ENVOLVIDAS	Coloca todas as disciplinas que são envolvidas no semestre e em cada Complexo
IV – OBJETIVOS FORMATIVOS/ÊXITOS	Aqui os educadores(as) fazem dois movimentos: 1) buscam no plano de estudos, os objetivos e êxitos já elaborados; 2) O processo de acréscimos ou adequação de acordo com as intencionalidades formativas que os(as) educadores(as) avaliam necessário.
OBJETIVOS FORMATIVOS: Descrição do objetivo de acordo com o ano ou modalidade de ensino.	ÊXITOS Detalhamento do êxito, a partir do objetivo determinado.
V – DETALHAMENTO (UM QUADRO DESSES PARA CADA PORÇÃO DA REALIDADE DO SEMESTRE)	Desse ponto em diante os(as) educadores(as) vão especificar o planejamento para o semestre, tendo por base os objetivos e êxitos, apontados anteriormente. Porém, os educadores(as) buscam a porção da realidade, conteúdos, objetivos de ensino desde a elaboração no plano de estudos, mas fazendo o processo de alteração, adequação que considerarem necessário.
PORÇÃO DA REALIDADE	Busca indicações, proposição do plano de estudo, mas faz adequação de acordo com o inventário da realidade.
DISCIPLINA(S)	Busca as indicações de disciplinas do plano de estudos.
CONTEÚDOS	Se referência nas indicações de conteúdos sugeridos no plano de estudos e faz acréscimos de acordo com as indicações dos(as) educadores(as).
OBJETIVOS DE ENSINO	Descreve a partir das indicações do plano de estudo.
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	Nesse ponto os(as) educadores(as) tem que pensar desde sua prática e formação, no plano de estudo esta parte está em branco, justamente para que os educadores(as) possam fazer com autonomia.
AVALIAÇÃO	Esta fica a critério do educador responsável pela elaboração do PTD.
VI – REFERÊNCIAS	Aqui faz a descrição de todas as referências bibliográficas ou diversas fontes que utilizaram para fazerem o planejamento.

Fonte: MST, 2014.

Com a implantação desse instrumento no ano letivo de 2013 e, compreendendo-o como um elemento impulsionador do Planejamento Coletivo Interdisciplinar, verificou-se a qualificação do processo de ensino-aprendizagem desenvolvido na Escola Itinerante Caminhos

do Saber. Assim, com o Plano de Trabalho Docente, as demais práticas pedagógicas têm um maior detalhamento, de forma que possibilita ao professor obter um grande avanço qualitativo sobre sua atuação, além de conseguir analisar mais profundamente o que deve (ou não) ser mudado em relação às demais práticas pedagógicas desenvolvidas. Sabemos que trabalhar de acordo com os princípios da Educação do Campo e das Escolas Itinerantes é uma tarefa árdua que precisa muito empenho e qualificação. Nesse quadro, o Plano de Trabalho Docente é uma das formas de garantir a realização/efetivação e qualificação contínua desse processo.

Outro desafio posto para a Escola Itinerante em sua condição de assumir práticas pedagógicas contra hegemônicas é a formação disciplinar dos educadores que em muitos casos dificulta e apresenta-se como um limite na compreensão dos elementos ligados a Porção da Realidade.

Falar sobre luta não é o mesmo que viver a luta, sem dúvidas que faz parte o MST já carrega consigo toda uma bagagem histórica, principalmente da matriz da luta social e da organização coletiva. Não quero afirmar que os educadores e educadoras que são do MST têm mais conhecimentos que os/as não são do Movimento, mas quanto mais pessoas militantes, com certeza mais fortalecerá nossa proposta de educação (Pedagogo Y, 2019).

Assim, no contexto da Escola Itinerante Caminhos do Saber, ao ser exercitada a elaboração do Planejamento Coletivo e Interdisciplinar um dos limites verificados é a incapacidade de alguns educadores em relacionar os conteúdos científicos com a realidade dos educandos, fator este que limita o desenvolvimento dos estudos acerca dos conteúdos escolares a partir das questões evidenciadas a partir do Inventário e das Porções da Realidade. Esse limitante também é verificado nas conexões necessárias entre os objetivos formativos e de ensino (MST, 2014) e nas potencialidades das matrizes formativas da Pedagogia do Movimento (CALDART, 2012) que, por vezes, são pouco trabalhadas.

3.1.2 Coletivo de Educadores

No contexto da Escola itinerante Caminhos do Saber, outro fator importante a ser considerado no âmbito das práticas pedagógicas é a constituição do Coletivo de Educadores que, num primeiro momento, está diretamente ligada a forma como se dá a escolha dos educadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, entendendo que estes são os educadores que iniciarão o processo de formação dos educandos na escola. Tal escolha é realizada através de uma indicação do Setor de Educação do Acampamento, então esta indicação é levada para ser avaliada e decidida na Coordenação do Acampamento e na Coordenação do Setor de Educação

do Movimento em nível estadual. Para ser indicado, o educador necessita participar ativamente na luta do Acampamento, de forma que este saiba mediar a formação dos educandos na escola com as ações do Acampamento. Sendo assim, o educador necessita

Sensibilidade humana e abertura para reeducar nas relações os seus valores; disposição de participar de um processo construído coletivamente pelas educadoras nele inseridas, com a participação ativa dos educandos e de toda comunidade; capacidade de trabalho cooperado, de ser um coletivo educador; romper com a visão de conteúdos e se desafiar a trabalhar saberes e a tratar pedagogicamente a luta, o trabalho, a vida como um todo (MST, 2001, p. 16).

Para isso, o educador dos anos iniciais do Ensino Fundamental é escolhido pela Comunidade, depois de ser verificado que o mesmo possui a formação mínima exigida. Além disso, o educador precisa ter afinidade para ensinar, ter um bom relacionamento com os educandos e uma boa visão política em relação as práticas formativas da Comunidade (este que é um ponto central) sendo este um morador da mesma, ou seja, pessoas que se vinculem organicamente a luta do Movimento e pela reforma agrária, comungando dos ideais políticos afirmados cotidianamente na luta.

Os educadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental das Escolas Itinerantes do Paraná são contratados pela Associação de Cooperação Agrícola e Reforma Agrária do Paraná (ACAP) a partir de um termo de cooperação firmado com a SEED-PR. Um dos critérios estabelecidos para contratação desses educadores, além da formação didático-pedagógica, é sua vinculação com as Comunidades de inserção da escola.

Para os professores dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, a escolha de educadores se dá a partir do Processo Seletivo Simplificado (PSS), assim como nas demais escolas da rede pública estadual de educação do Paraná. Porém, não é por esse motivo que a escola deva permitir, em nenhum momento, afastar-se dos ideais da Pedagogia do MST e da proposta da Educação do Campo. Os profissionais que atuam nas Escolas Itinerantes, dentre elas a Caminhos do Saber, precisam estar cientes que terão que aproxima-se da Pedagogia do Movimento (CALDART, 2012), da Pedagogia Freiriana e da proposta político-pedagógica da escola (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013), colocando-se de maneira inequívoca na construção de uma proposta pedagógica coletiva, o que por sua vez exige o constante refletir e repensar sobre os processos de ensino-aprendizagem e as práticas pedagógicas na escola.

Dada essa configuração do Coletivo de Educadores, constituído pelos educadores dos anos iniciais e anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio os processos de formação

inicial e continuada de professores colocam-se como questão fundamental para o conjunto das Escolas Itinerantes.

Em relação a formação inicial, conforme já mencionado anteriormente, a Comunidade do Acampamento Maila Sabrina tem investido continuamente na formação de professores orgânicos à Comunidade. Para tanto, tem impulsionado a inserção de sujeitos do Acampamento em cursos de graduação propostos e organizados em regime de alternância, objetivando a formação de professores e professoras do campo. Entre esses cursos estão a Pedagogia da Terra ou Pedagogia para Educadores do Campo efetivado na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNIOESTE), ambas no estado do Paraná. Esse curso esteve voltado para a formação do professor-pedagogo para atuação nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além dos cursos de Pedagogia da Terra, a Comunidade do Acampamento Maila Sabrina tem enviado também, estudantes para os cursos de Licenciatura em Educação do Campo, que organizados em alternância, têm possibilitado a formação de professores do campo para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio nas diversas áreas de conhecimento (Ciências da Natureza e Exatas, Linguagens e Ciências Sociais e Humanas). Os cursos de Licenciatura em Educação do Campo no Paraná têm sido ofertados pela UNIOESTE, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Como elemento comum em tais cursos, dentre outros, verifica-se o objetivo de formar professores já engajados na luta pela terra e na realidade do campo.

Na Escola Itinerante Caminhos do Saber, a formação continuada acontece duas vezes por semestre a nível local, sendo esta pensada e organizada pela Coordenação Pedagógica da escola. Em nível de município, acontece na medida em que a SEED-PR julgar necessário, sendo essas de responsabilidade do Núcleo Regional de Educação (NRE) de Telêmaco Borba e da SEED-PR. Já em nível estadual, os momentos de formação continuada acontecem de duas a três vezes por semestre, são organizadas pelo MST e pela ACAP em parceria com a SEED-PR e Universidades Estaduais e Federais, com destaque para a UNIOESTE, a UNICENTRO, a UFPR, a UFFS, a Universidade Estadual de Londrina (UEL) e a Universidade Estadual do Noroeste Paranaense (UENP), dentre outras, com suas sedes em outros estados.. Estas formações possuem um papel muito importante no que diz respeito a qualificação dos educadores do campo, já que estes muitas vezes, não possuem formação específica para a área de atuação. Participar dessas formações é um grande avanço no que diz respeito a conhecer as práticas pedagógicas das Escolas Itinerantes e da Educação do Campo, além de proporcionar

aos professores conhecer um pouco mais a fundo, elementos para trabalhar uma proposta de educação, cujas práticas são orientadas pela realidade dos sujeitos, colocando-se numa perspectiva contra hegemônica de educação. A formação de educadores é muito importante para as Escolas Itinerantes, pois, a proposta pedagógica dessas escolas compreende que o educador vai ser o mediador do conhecimento e formador de sujeitos críticos (trans)formadores de uma nova sociedade.

3.1.3 Trabalho e vínculo com a realidade

Para a Escola Itinerante, o trabalho é uma ferramenta de formação humana. Por esse motivo, é que o MST sempre busca fazer a relação entre formação humana e processo educacional, pelo fato de o trabalho ser a ligação no processo de formação humana, “[...] um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza” (MARX, 1985, p.149 apud LEITE, 2014, p. 258). Assim, por meio de seu trabalho o ser humano interfere na natureza e na medida que acontece tal interferência, esta muda seus princípios e objetivos, tornando assim o trabalho como princípio de formação humana.

Desta forma, a Escola Itinerante sempre busca incorporar no processo de educação elementos da vida social cotidiana, sem deixar de lado o elemento principal da vida, que é o trabalho como princípio educativo. Por isso, a criança desde cedo é vinculada a ações comunitárias na Comunidade, tais como: mutirão para construção das salas de aula, para construção e manutenção do parquinho da escola, limpeza dos espaços da escola e do Acampamento, além de participar ativamente de reuniões da Comunidade, opinando sobre o que é/não bom para a mesma. Dessa forma é que a criança/adolescente vê aquilo como um espaço realmente seu. A Escola Itinerante compreende em sua proposta pedagógica que é através da prática (acompanhada da teoria) que acontece a formação do educando no processo de construção de identidade do sujeito Sem Terra. Por esse motivo, é que o trabalho na escola não tem finalidade de produção para subsistência, mas sim, de recurso educativo.

O estudo só encontra o seu sentido social quando ele é capaz de partir da realidade, o que implica em pesquisa, e após aprofundar esta realidade à luz do conhecimento acumulado pela humanidade, consegue tirar propostas e encontrar um método para transformar a realidade pesquisada (MST, 2001, p. 225).

Para o MST, o trabalho é muito mais do que (apenas) atividades remuneradas, mas sim atividades que venham a contribuir com a formação do seu povo. Nesse sentido, as crianças

que são educandos da Escola Itinerante aprendem desde cedo participar nas discussões que dizem respeito as melhores condições de vida sua e da Comunidade. Sendo assim, os mesmos aprendem falar em agroecologia e realizar práticas vinculadas a ela, falar em organização coletiva e vivenciar esse e outros tantos assuntos relevantes para a Comunidade. Dessa forma, os educandos aprendem desde pequenos, criticar e repudiar a situação em que se encontravam nas favelas e periferias onde moravam antes de virem morar no Acampamento. Neste sentido, entende-se que:

As pessoas se humanizam ou desumanizam, se educam ou se deseducam através do trabalho e das relações sociais que estabelecem entre si no processo de produção material da existência. É a dimensão da vida que mais profundamente marca o jeito de ser de cada pessoa. É a dimensão que nos identifica como ser humano, como cultura, como classe. Por isso não deve ficar fora da intencionalidade pedagógica dos educadores, em cada um dos espaços onde se projete formação humana. (MST, 2005, p. 258).

No contexto da Escola Itinerante Caminhos do Saber, cabe salientar que o trabalho na escola não é realizado apenas pelos educandos. Mesmo este sendo protagonizado por eles, a escola busca sempre manter a cooperação entre Coordenação Pedagógica, corpo docente, educandos e demais trabalhadores da educação, porém, sempre priorizando a autonomia e o protagonismo dos estudantes na proposição, no planejamento e na execução de tais atividades. Essa atuação por meio de ações práticas reflete na escola a realização do trabalho socialmente necessário realizado por toda a Comunidade, envolvendo desde as crianças até os idosos. Como exemplo dessa realização, verifica-se o processo coletivo de (re)construção da Escola Caminhos do Saber, onde a Comunidade toda se mobilizou no início do ano (janeiro-fevereiro de 2019) para dar conta desta tarefa. Além de contribuir com a mão-de-obra no processo de construção da escola, a Comunidade arcou também com as despesas financeiras desta construção, ampliando mais ainda o que chamamos de espírito coletivo. As figuras abaixo mostra os acampados reunidos no processo de (re)construção da escola:

Foto 1 – Acampados no processo de desmanche da Escola Caminhos do Saber



Fonte: Arquivo da Escola Itinerante Caminhos do Saber, 2019.

Foto 2 – Escola Itinerante Caminhos do Saber durante o processo de (re)construção



Fonte: Arquivo da Escola Itinerante Caminhos do Saber, 2019.

Foram vários (aproximadamente quarenta) dias de muita luta e empenho diário da coletividade acampada para que a Escola Itinerante Caminhos do Saber, pudesse ficar o mais agradável possível dentro das possibilidades econômicas e físicas dos acampados. Nesse período além de qualificar a escola, criaram-se/ampliaram-se questões de relação coletiva e de afetividade entre os acampados, o que tornou esse processo educativo tanto para as crianças (que também contribuíram no processo dentro das possibilidades físicas da sua faixa etária) quanto para os acampados. Todo esse empenho da Comunidade no processo de construção do

espaço da escola possibilitou resultados verificáveis e importantes para a vida da escola e da Comunidade como um todo.

Foto 3 – Escola Caminhos do Saber antes do processo de (re)construção



Fonte: Arquivo Pessoal da autora, 2017.

Foto 4 : Escola Itinerante Caminhos do Saber após o processo de (re)construção



Fonte: Arquivo pessoas da autora, 2019.

Isso evidencia o trabalho como princípio educativo na escola do MST. Trabalho que envolve não somente força física, mas também mental, que transforma a natureza e ao transformar a natureza transforma também o ser humano e o meio em que vivem.

Buscando ampliar a relação entre indivíduo e natureza é que surge a necessidade de acesso dos educandos às unidades de produção. Por esse motivo, as Escolas Itinerantes veem a necessidade de intensificar os Núcleos Setoriais⁵. O Núcleo Setorial da Produção Agrícola/Agropecuária, por exemplo, trabalha com o cultivo na horta de maneira agroecológica. E na medida em que se trabalha a agroecologia, trabalha-se também a relação entre indivíduo natureza, aprendendo assim, o cuidado com a terra, rios e os demais espaços em que estes estão inseridos. Nessa proposição, torna-se viável desenvolver na escola um trabalho real, que seja necessário para a vida, vinculado a necessidade de escola e da Comunidade onde ela está inserida, combinada à necessidade de formação das crianças.

No sentido de explicitar a importância do trabalho no currículo da Escola do MST, Camini e Gehrke, propõem que:

[...] precisamos avançar, permear nossas práticas educativas com a dimensão do trabalho criando formas de envolver as crianças pequenos trabalhos da escola e acampamento. Colocar tempo nisso, acreditar que nos educamos no **trabalho coletivo não alienado**. (CAMINI & GEHRKE, 2008, p.80-81, grifos dos autores. apud LEITE, 2014, p. 261).

Um dos desafios da escola é superar a ideia de que o trabalho manual não cabe dentro da escola como atividade concreta e pedagógica para formação dos estudantes. Ainda existem pais (e o Estado) de alunos que não compreendem o trabalho na escola como um princípio educativo, dizendo que este é uma forma de “explorar” as crianças e fazer com que estas realizem trabalhos que não são da responsabilidade dos educandos, mas exclusivamente dos funcionários da escola. Talvez esse seja um dos grandes motivos da Escola Itinerante receber críticas. Mas essa crítica vem sendo superada quando pessoas “de fora” veem resultados significativos voltados para a agroecologia, que por meio da produção alimentos na própria escola promove a vivência de conhecimentos práticos, que são aproveitados pelos próprios educandos na escola, sem falar no fato de que tais conhecimentos serão aproveitados por toda a vida dos mesmos.

Por esse motivo, a Escola Itinerante Caminhos do Saber assume como desafio conduzir o trabalho socialmente necessário para a sobrevivência dos educandos, com o monitoramento

⁵ Essa é uma das ações cotidianas vinculadas às práticas pedagógicas da Escola Itinerante Caminhos do Saber e será melhor detalhada e analisada na sequência do trabalho.

adequado de professores, possibilitando a realização de pesquisas e experimentos, reaproveitando resíduos produzidos na escola, contribuindo com o desenvolvimento (financeiro e intelectual) da Comunidade. Por este viés, o PPP da escola anuncia que:

Os saberes sociais são gestados na prática produtiva e na prática política do campesinato. Se trabalho é atividade que gera transformação humana e territorial, estudar quais atividades os povos do campo desenvolvem e quais atividades agrícolas, industriais e de serviços marcam determinadas conjunturas dos países, é uma forma de aprofundar o conceito de trabalho e compreender as relações sócio territoriais. (ESCOLA ITINERANTE NO PARANÁ, 2009, p. 32).

Por meio do trabalho é possível analisar todas as dimensões que formam a sociedade, como a dimensão social, política, econômica e cultural. A escola (em parceria com a Comunidade e os pais) deve assumir o papel de formação da juventude. Assim, além de proporcionar aos educandos o contato com ações comunitárias, a Escola Itinerante Caminhos do Saber também incentiva os educandos a participarem das reuniões da Comunidade, para que estes compreendam a realidade que estão inseridos e criem formas de contribuir ativamente na transformação/qualificação desta.

A escola é o espaço de articular teoria e prática, buscando analisar criticamente a realidade histórico-social, a cultura, a economia e as demais dimensões que se integram na sociedade através do estudo. Desta forma, fica ainda mais evidente a importância do trabalho como princípio educativo, sendo este responsável por desenvolver o ser humano em sua totalidade, tendo em vista a potencialidade pedagógica que se encontra neste.

Pelo fato da Escola Itinerante estar inserida na luta do MST, a própria existência dessa escola está baseada fundamentalmente no processo de luta pela terra. Nesse contexto, o MST tem buscado acumular conhecimentos na perspectiva de construir uma proposta educativa que transborda, mas orienta o fazer dessa escola. No ano de 1980, o MST foi definindo um conjunto de princípios filosóficos que orientariam toda essa proposta. De acordo com Sapelli,

Os princípios filosóficos representam, para o Movimento, a tentativa de expressar a concepção de sociedade, de ser humano e de educação. São eles: educação para a transformação social; educação para o trabalho e cooperação; educação voltada para as várias dimensões do ser humano⁴; educação para/com valores humanistas e socialistas⁵; educação como processo permanente de formação/transformação humana. Os princípios pedagógicos representam a tentativa de expressar o “[...] jeito de fazer e de pensar a educação, para concretizar os próprios princípios filosóficos. [...] incluindo, especialmente, a reflexão metodológica dos processos educativos”. (MST, 2005, p. 160). São eles: relação entre teoria e prática; combinação entre processos de ensino e de capacitação; a realidade como base da produção do conhecimento; conteúdos formativos socialmente úteis; educação para o trabalho e pelo trabalho; vínculo orgânico entre processos educativos e políticos; vínculo orgânico entre processos educativos e econômicos; vínculo orgânico entre educação

e cultura; gestão democrática; auto-organização dos estudantes; criação de coletivos pedagógicos e formação permanente dos(as) educadores(as); atitude e habilidades de pesquisa (SAPELLI, 2013 apud SAPELLI, 2015).

Assim, as Escolas Itinerantes e, dentre elas a Escola Caminhos do Saber, têm sido constituída como uma escola com ideais voltados para os interesses dos trabalhadores, que através da escolarização, se coloca a serviço da luta pela reforma agrária. Uma escola que se dedica a essa causa porque nasceu a partir dela, e por isso, se organiza no processo de luta dos trabalhadores Sem Terra nos Acampamentos (URQUIZA, 2009).

3.1.4 Auto-organização dos estudantes

Na Escola Itinerante Caminhos do Saber os processos de auto-organização dos estudantes se dão através do Tempo Formatura, do Tempo Leitura e dos Núcleos Setoriais. A auto-organização coloca-se como elemento de fundamental importância para que de forma autônoma, os educandos participem ativamente no processo de qualificação das demais práticas pedagógicas e no processo de organização da escola.

O Tempo Formatura é o momento direcionado para apresentações (e formação) culturais. Na Escola Itinerante Caminhos do Saber esse momento é realizado antes do início das aulas, com o intuito de promover a formação dos educandos por meio da diversidade cultural (místicas⁶, teatros, entre outras) e não somente pela teoria. No Tempo Formatura, cada Núcleo Setorial é responsável por fazer reuniões/estudos formativos a respeito de temas (da atualidade) definidos pelos próprios educandos, ficando sob responsabilidade do Núcleo Setorial e seus integrantes a elaboração e realização de uma apresentação (sendo ela em forma de teatro, poema, entre outros) cultural sobre o tema escolhido.

Tempo Leitura é um horário dedicado ao estudo de materiais (livros, jornais, cartilhas, entre outros) que estão articulados aos temas discutidos nas disciplinas e com foco na formação humana mais ampla. Esse momento é realizado uma vez por semana, com o intuito de promover

⁶ Mística é uma espécie de “teatro sem falas”, este é carregado de ideais políticos e ideológicos. Boff descreve que etimologicamente a palavra mística vem do grego *múein*, mistério, que significa “perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou intenção” 211. Assim, mística está ligada ao campo da experiência. No senso comum, a palavra mistério, geralmente é utilizada para concluir uma reflexão que já esgotou as capacidades da razão, não conseguindo ter um entendimento exato sobre determinado assunto. O mistério se remete àquilo que está escondido, não comunicado à realidade, desprovido de carga teórica, mas essencialmente ligado à experiência religiosa ou espiritual (COELHO, 2010, p. 116). Mais informações ver: COELHO, Fabiano. A prática da mística e a luta pela terra no MST. Dourados, MS: UFGD, 2010. p. 1-284. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Fabiano%20Coelho.pdf>>. Acesso: 22 de março de 2019.

debates formativos sobre temas abordados na realidade dos povos do campo. Este é conduzido por um professor ou pela Coordenação Pedagógica da escola. Os educandos realizam a leitura de materiais bibliográficos e depois fazem um debate (ou relato escrito) do mesmo, buscando sempre desenvolver a criticidade e o olhar político dos mesmos.

Os Núcleos Setoriais são instâncias de trabalho socialmente necessários e auto-organização dos estudantes. Cada Núcleo Setorial (formado por um grupo de educandos de diferentes faixas etárias, e dois professores). Sua funcionalidade está ligada a tarefa de desempenhar um tipo de atividade (prática e teórica) na escola durante o turno em que os educandos que o integram estudam. A reunião dos Núcleos Setoriais na Escola Itinerante Caminhos do Saber acontece duas vezes por semana e nestas reuniões são realizadas atividades que constam no planejamento de cada Núcleo Setorial, sendo este elaborado de forma coletiva, por todos os integrantes do Núcleo . Cada Núcleo Setorial possui dois coordenadores, sendo estes responsáveis pela coordenação das atividades até o final do semestre. Após esse período, é feito um rodízio com os educandos, fazendo com que os mesmos perpassem por todos os Núcleos Setoriais da escola, durante sua vida escolar, fazendo também com que os mesmos passem pela experiência de liderar e serem liderados. “Esta rotatividade entre a experiência de coordenar e de ser coordenado é um dos aspectos que garantem a participação política efetiva dos estudantes e torna o processo mais democrático” (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013, p. 23). Tal tempo de rodízio é pensado de forma que todos perpassem os Núcleos Setoriais, porém, considera ainda, a necessidade de tempo suficiente para adquirir os conhecimentos proporcionados. A foto a seguir retrata o Núcleo Setorial do Embelezamento (do primeiro semestre do ano letivo de 2019) desempenhando suas tarefas na escola:

Foto 5 – Núcleo Setorial do Embelezamento no processo de reforma do jardim da escola



Fonte: Arquivo Pessoal da autora, 2019.

Os Núcleos Setoriais constituídos na Escola Itinerante Caminhos do Saber são:

- 1) **Memória:** responsável por fazer registros do que acontece na escola e no Acampamento. Esses registros são em formas de relatórios diários, e registros audiovisuais (MARIANO, 2016).
- 2) **Embelezamento:** responsável por organizar (esteticamente) as estruturas físicas (jardim, chegada da escola, parque, e corredores) da escola. Os educandos que participam plantam flores, constroem vasos e canteiros de flores, ornamentam os corredores da escola, pintam bancos e placas da faixa da escola, etc (MARIANO, 2016).
- 3) **Bem Estar e Saúde:** contribui na elaboração do cardápio da escola, cuida da fiscalização do prazo de validade da merenda escolar, auxilia as cozinheiras (em contra-turno) no preparo da merenda escolar e auxiliam na fiscalização e a limpeza do pátio da escola (MARIANO, 2016).
- 4) **Comunicação:** responsável por elaborar (e construir) o jornal escolar, construir murais informativos na escola, organizar (junto com o setor de comunicação do acampamento) momentos de práticas de esportes fora do horário escolar, além de cuidar do funcionamento do Cinema da Terra, entre outros momentos de lazer (MARIANO, 2016).
- 5) **Apoio ao Ensino:** responsável pela organização da biblioteca. Os educandos ficam responsáveis por catalogar e por fazer o controle de empréstimos dos livros, além de realizarem a construção (e organização) de videotecas, brinquedotecas, entre outros (MARIANO, 2016).
- 6) **Finança:** responsável por realizar orçamentos e planejamentos das finanças da escola, fazer prestação de contas, acompanhar e organizar o levantamento da merenda escolar. Os

educandos fazem o levantamento dos materiais que precisam na escola, fazem orçamentos e constroem propostas de melhorias físicas e pedagógicas para a escola (MARIANO, 2016).

7) Produção Agrícola / Agropecuária: responsável por manter o cultivo da horta. Estes constroem canteiros, regam os canteiros, plantam (de forma orgânica/agroecológica) verduras e legumes para serem consumidas na merenda escolar. Além destes ensinamentos, os educandos aprendam a cuidar de maneira consciente da terra, do meio ambiente e das minas/nascentes (MARIANO, 2016).

Todos esses Núcleos Setoriais contribuem para o andamento funcional da escola, tanto no que diz respeito ao andamento pedagógico quanto ao andamento estrutural da mesma, na medida em que estes apontam melhorias a serem realizadas em ambas as dimensões, de forma com que os educandos, juntamente com todo o corpo docente e a Coordenação Pedagógica possam solucionar tais problemas. Estas instâncias devem funcionar de forma que aconteça a formação política dos educandos, fazendo com que os mesmos vivenciem uma certa autonomia no que diz respeito a tomada de decisões referentes ao andamento escolar. Sendo assim, devem acontecer tempos específicos para que tais instâncias funcionem na escola.

A foto a seguir mostra o Núcleo Setorial da Agropecuária adequando o solo para construção de um canteiro de ervas medicinais:

Foto 6 – Horto Medicinal

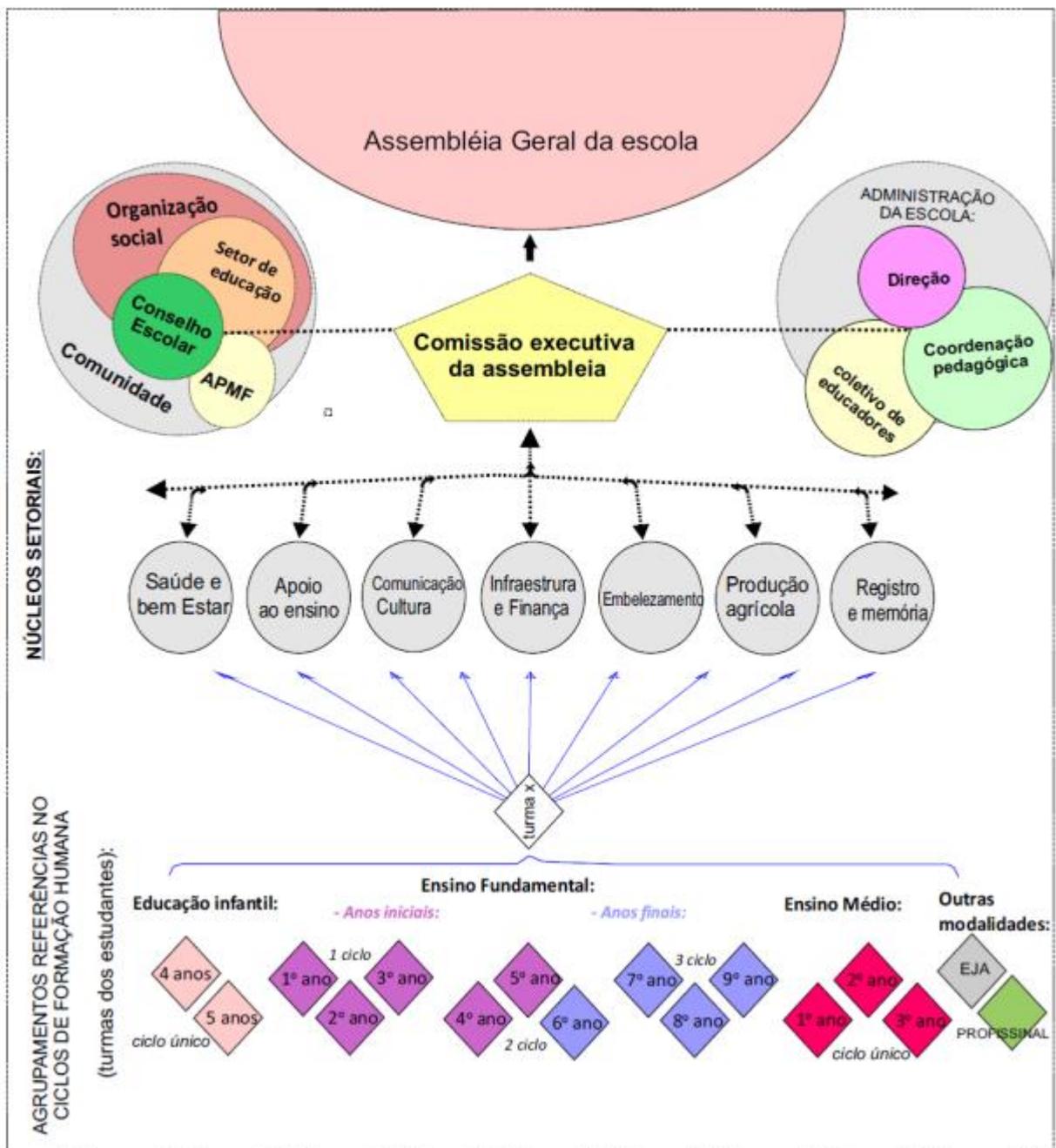


Fonte: Arquivo Pessoal da autora (2019).

Como dito anteriormente, todos os Núcleos Setoriais possuem além dos dois coordenadores (que são educandos), um/dois professores responsáveis. Estes possuem a tarefa

de coordenar o Núcleo Setorial, fazendo com que o mesmo garanta as realizações de suas atividades e também garanta a ordem/disciplina interna. Além destas tarefas, os coordenadores, junto com o/s professor/es responsáveis, participam da Comissão Executiva, levando questões de melhorias comportamentais e estruturais da escola que precisam ser melhoradas.

Ilustração 1 – Esquema da proposta de auto-organização dos estudantes na organização política da escola



Fonte: MST, 2013.

A Comissão Executiva é constituída na reunião de coordenação das instâncias de representação da escola. Dela participam a Coordenação Pedagógica da escola, membros do Setor de Educação do Acampamento, os docentes da escola, além dos educandos e funcionários da escola. Nesta reunião são tomadas decisões relacionadas ao andamento (pedagógico, disciplinar e estrutural) da escola. Caso esta comissão não consiga resolver as questões ou então sintam-se insuficientes para tomar determinadas decisões, esta deve acionar/convocar a Assembleia Geral da Escola.

A Assembleia Geral da Escola deve se reunir duas vezes (no início e final) por semestre, podendo esta ser convocada em outros momentos pela Comissão Executiva. Nas Assembleias realizadas nos finais de semestres, acontece a prestação de contas do que foi realizado no decorrer do semestre. Nesta deverão estar presentes todos que de alguma forma estão envolvidos com a escola, incluindo membros toda a Comunidade. Esta atividade exige todo um planejamento específico para sua realização, sendo de responsabilidade da Comissão Executiva.

Abaixo segue o esquema da proposta de auto-organização dos estudantes na organização política da Escola Itinerante e que sustenta a realização dessa prática pedagógica na Escola Itinerante Caminhos do Saber:

De modo geral, a organização política da Escola Itinerante tem avançado bastante em relação à participação dos sujeitos da escola e da Comunidade. Os educandos têm participado ativamente das instâncias políticas escolares e por meio dessas, nas decisões relevantes ao funcionamento da escola. A cada momento de participação dos educando no Tempo Formatura, por exemplo, desenvolve-se um caráter de responsabilidade/comprometimento para com a luta Sem Terra, oportunizando a formação de sujeitos engajados na luta social.

Outro tempo auto-organizativo essencial para a formação dos educandos é o Núcleo Setorial. Nele os educandos criam hábitos de responsabilidades, já que estes também participam nas decisões relacionados ao funcionamento da escola, organizam seus próprios espaços de estudo, além de realizar diversas atividades/eventos no espaço da escola.

Também o Tempo Leitura, tem refletido esses avanços, nesse momento os educandos possuem total autonomia em promover ações para qualificar o estudo e ampliar seus conhecimentos nas diferentes áreas do saber.

Todas essas práticas, atreladas à valorização (e à participação) dos educandos no processo de ensino-aprendizagem, faz com que os mesmos tornem-se sujeitos responsáveis, comprometidos com os estudos e com a coletividade da escola.

3.1.5 Processo de avaliação na escola

Na Escola Itinerante a avaliação dos educandos se dá de forma diferente das demais escolas, estas são integrais e contínuas. Esse processo contínuo de avaliação se dá a partir da concepção de que o educando é um ser que está sujeito ao processo de recuperação e que este processo não é somente teórico, mas sim, social. Por esse motivo, na realidade da Escola Itinerante Caminhos do Saber promove-se a avaliação com instrumentos diferenciados, considerando a participação efetiva de educandos, professores, demais trabalhadores da escola e membros da Comunidade.

Vale lembrar que jamais a escola deve criar métodos de avaliação que destruam a autoestima dos educandos, tendo em vista que essa é um dos principais meios de exclusão na escola (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013). A função da avaliação é verificar se os objetivos estão sendo alcançados, podendo mudar as práticas metodológicas dos educadores/escola a fim de que os avanços sejam alcançados.

O processo de avaliação acontece por meio de observações e registros. Para tanto, o processo de autoavaliação acontece sempre que necessário, sendo assim, não podem faltar o diálogo e o humanismo.

Importa dizer que na concepção dialética da proposta de avaliação desta escola, avaliar significa considerar e valorizar todos os momentos pedagógicos, isto é, a metodologia, o conteúdo, os professores e a comunidade, dentro das suas responsabilidades, objetivando o crescimento coletivo (MST, 2011, p. 239).

Por essa razão, o processo de avaliação do educando acontece no Conselho de Classe Participativo, este que é um espaço avaliativo em que se reúne toda a Comunidade Escolar: professores, Coordenação Pedagógica, demais trabalhadores da escola, educandos, pais e algumas pessoas da Comunidade. Essa ação está pautada na avaliação dialógica, para falar sobre o compromisso com o estudo e a formação social dos sujeitos e não para a obtenção de notas. Nesse momento avalia-se em todas as dimensões (teóricas e sociais) desde os educandos até a Coordenação Pedagógica da escola.

Tal processo de avaliação se inicia com a autoavaliação dos educandos. Neste momento o educando é desafiado a olhar para sua própria prática em relação a sua vida escolar e dizer qual é seu nível comprometimento e de aprendizagem. Assim, o mesmo pode refletir (anterior à avaliação do mesmo pelos educadores) em que aspectos pode melhorar e quais objetivos da vida escolar já foram alcançados/superados.

Depois da autoavaliação realizada pelo educando, os professores seguem com o processo de avaliação do educando em questão, dizendo em que situação se encontra sua vida escolar e traçando metas coletivas para que estas venham melhorar (ainda) mais. Depois de realizada a avaliação individual dos educandos, inicia-se avaliação do corpo docente e da Coordenação Pedagógica da escola por parte dos educandos da turma. Estes se reúnem em uma aula anterior ao Conselho de Classe Participativo e realizam de forma coletiva a avaliação oral e escrita de cada educador, para posterior socialização no momento do Conselho de Classe Participativo.

O conjunto das Escolas Itinerantes no Paraná e, em especial, a Escola Itinerante Caminhos do Saber entende em sua proposta pedagógica que assim como os educandos, a Comunidade Escolar em sua totalidade deve ser avaliada, já que o processo educativo não depende exclusivamente dos educandos, além de que todos da escola estão em processo de formação através das práticas pedagógicas escolares (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).

No intuito de avaliar os educandos em todas as suas dimensões, as Escolas Itinerantes no Paraná adotaram instrumentos avaliativos próprios. Tais instrumentos agregam registros comportamentais e de aprendizagem dos educandos, considerando desde os registros pedagógicos quanto os registros de relações sociais. Na Escola Itinerante Caminhos do Saber, são exemplos de instrumentos avaliativos:

Pasta de Acompanhamento: é um instrumento de registro da aprendizagem e desenvolvimento da escrita dos educandos. Nessa pasta são arquivados textos mensais e outras avaliações realizadas pelos mesmos no decorrer do ano letivo. A produção escrita para a Pasta de Acompanhamento é realizada mensalmente, sendo esta, avaliada tanto pelo professor quanto pela Coordenação Pedagógica da escola e até mesmo pelos próprios educandos que as observam para avaliar seu próprio desenvolvimento ao decorrer do tempo.

Caderno de Avaliação: é um instrumento de registro do grau (limites e facilidades) de aprendizagem dos educandos referentes a todos os conteúdos trabalhados nas disciplinas. Os registros são organizados mensalmente, servindo estes para auxiliar na elaboração do Parecer Descritivo de cada educandos.

Parecer Descritivo: é um instrumento de registros do desenvolvimento do aprendizado (teórico e social) alcançado pelos educandos. Nele consta o que foi aprendido pelo educando e o que este ainda precisam aprender. É uma espécie de dossiê que registra minuciosamente todas as aprendizagens e limites dos educandos. Este é realizado semestralmente sendo socializado, com os responsáveis do educando no Conselho de Classe Participativo.

Entendendo que todos os sujeitos da escola estão em constante (trans)ormação, o processo de avaliação na Escola Itinerante Caminhos do Saber, acontece de forma integral e contínua. A escola entende que o educando está sujeito à recuperação e que por isso dispõe de métodos de avaliação que contemplem desde o desenvolvimento teórico quanto o desenvolvimento social do educando.

Devemos ressaltar também que a escola jamais deve criar métodos avaliativos que, de alguma forma, desvalorize o educando. A função da avaliação é fazer com que os sujeitos (professores, educandos e Coordenação Pedagógica) da escola olhem para suas próprias práticas/ações e busquem, de alguma maneira, fazer com que estas melhorem. Um meio encontrado para que esta análise aconteça, de fato, é o momento destinado à autoavaliação dos educandos e a avaliação dos demais sujeitos (educadores, Coordenação Pedagógica, demais trabalhadores da escola). Neste momento acontece a avaliação dos sujeitos e criam-se momentos de buscar alternativas, junto com os pais/responsáveis pelos educandos, para que a superação de possíveis problemas/objetivos sejam alcançados.

Além dos momentos de avaliação coletiva, a escola possui instrumentos avaliativos condizentes com essa perspectiva de avaliação processual sistemática dos educandos. Tais instrumentos são: o Caderno de Avaliação, este que possui registros mensais de todos os avanços e limitações dos educandos em todas as disciplinas e na relação indivíduo-coletivo dos mesmos; a Pasta de Acompanhamento que é um arquivo de todos os trabalhos avaliativos mensais, realizados pelos educandos durante todo o ano letivo. Esses instrumentos avaliativos contribuem para que sejam analisadas e adequadas as práticas pedagógicas quando a escola julgar necessário, de forma que sempre prevaleça a ideia de que os seres humanos estão em constante transformação e que este pode se recuperar durante o processo escolar dos Ciclos de Formação Humana.

3.2 CICLOS DE FORMAÇÃO HUMANA COM COMPLEXOS DE ESTUDOS E EDUCAÇÃO CONTRA HEGEMÔNICA NA ESCOLA DO CAMPO

Os Ciclos de Formação Humana estão fundamentados no processo de desenvolvimento humano em sua temporalidade. Assumir a prática dos Ciclos de Formação Humana na escola do campo é romper com o método de seriação que é um processo fragmentado do saber, e que ao ver da Educação do Campo é um processo de exclusão dos educandos, já que as seriações baseiam-se em “saber mais ou saber menos”. Os Ciclos de Formação Humana estão baseados no processo contínuo de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano, conectando-o aos

aspectos auto-organizativos dos sujeitos.

Na Escola Itinerante Caminhos do Saber a organização dos Ciclos de Formação Humana se dão em cinco ciclos, com duração de três anos cada ciclo. Assim, o educando possui mais tempo para seu aprendizado e desenvolvimento que acontecem de maneira articulada aos objetivos, métodos, conteúdos e práticas pedagógicas estabelecidas a partir da perspectiva do processo de ensino-aprendizagem estruturado nos Ciclos de Formação Humana na escola do campo.

A tabela a seguir indica como se organiza o Ciclo de Formação Humana nas Escolas Itinerantes vinculadas aos Acampamentos de luta pela terra organizados pelo MST no Paraná:

Tabela 3 – Ciclos de Formação Humana na Escola Itinerante no Paraná

Ciclos de formação humana	Idade	Anos Escolares na Educação Básica	Ciclos de Formação Humana	Ciclos de Formação Humana
I Ciclo de Formação Humana	4 anos 5 anos	Educação Infantil	Ciclo único – Educação Infantil	I Ciclo
II Ciclo de Formação Humana	6 anos 7 anos 8 anos	1º ano – E.F. 2º ano – E.F. 3º ano – E.F.	I Ciclo do Ensino Fundamental	II Ciclo
III Ciclo de Formação Humana	9 anos 10 anos 11 anos	4º ano – E.F. 5º ano – E.F. 6º ano – E.F.	II Ciclo do Ensino Fundamental	III Ciclo – Classe Intermediária
IV Ciclo de Formação Humana	12 anos 13 anos 14 anos	7º ano – E.F. 8º ano – E.F. 9º ano – E.F.	III Ciclo do Ensino Fundamental	IV Ciclo – Classe Intermediária
V Ciclo de Formação Humana	15 anos 16 anos 17 anos	1º ano – E.M. 2º ano – E.M. 3º ano – E.M.	Ciclo único – Ensino Médio	V Ciclo – Classe Intermediária

Fonte: MST, 2018.

Como expresso na tabela acima, os Ciclos de Formação Humana na Escola Itinerante, possuem objetivos, metas e conteúdos próprios. Cada um dos ciclos, agrupa faixas etárias diferentes. Nos I e II ciclos as crianças constroem o domínio da alfabetização (Educação Infantil, 1º ano, 2º ano e 3º ano). No III ciclo se dá a ampliação da alfabetização (4º ano, 5º ano e 6º ano). No IV ciclo processa-se a estruturação do conhecimento (7º ano, 8º ano e 9º ano). No V ciclo se dá a ampliação do conhecimento na perspectiva de entender o mundo onde vive e aprender a fazer escolhas certas frentes ao novo (Ensino Médio). Sendo assim, cada ciclo tem uma meta de aprendizado a ser alcançada, ao longo dos seus três anos, aumentando assim, o tempo de desenvolvimento e as chances do educando aprender cada conteúdo.

A adoção dos Ciclos de Formação Humana na escola do campo exige uma mudança

tanto nas concepções que sustentam as práticas pedagógicas da escola como também nas maneiras com que estas são executadas. Por esse motivo é necessário que aconteça uma mudança tanto nas práticas pedagógicas quanto nos conteúdos, para que estas mudanças não sejam inócuas.

Pelo fato da Escola Itinerante possuir um vínculo com a realidade é que a mesma iniciou seus trabalhos baseando-se nos chamados Temas Geradores de Paulo Freire. O Tema Gerador na compreensão de Freire (2005), necessariamente “precisa ser algo ‘reconhecido’ pelos sujeitos e não estranho a eles e deve ser simples, mas oferecer possibilidades plurais de análise na sua descodificação, devem abrir leque temático” (FREIRE, 2005 apud SAPELLI 2013, p. 618). Nas Escolas Itinerantes do Paraná, a escolha dos Temas Geradores se dava pelas tensões vividas nas Comunidades. Sendo que, muitas vezes, esse encaminhamento metodológico acabava acarretando em uma espécie de redução/abandono de conteúdos (SAPELLI, 2013). Por este motivo, foram realizadas várias reuniões e estudos para estudar uma melhor proposta dessa vinculação dos conteúdos escolares com a realidade das Comunidades. Assim, a partir do ano de 2010, essa nova proposição metodológica foi organizada coletivamente a partir e em conexão com a proposta educativa do MST e, junto com os Ciclos de Formação Humana nas Escolas Itinerantes foi constituída e experimentação da proposta dos Complexos de Estudos.

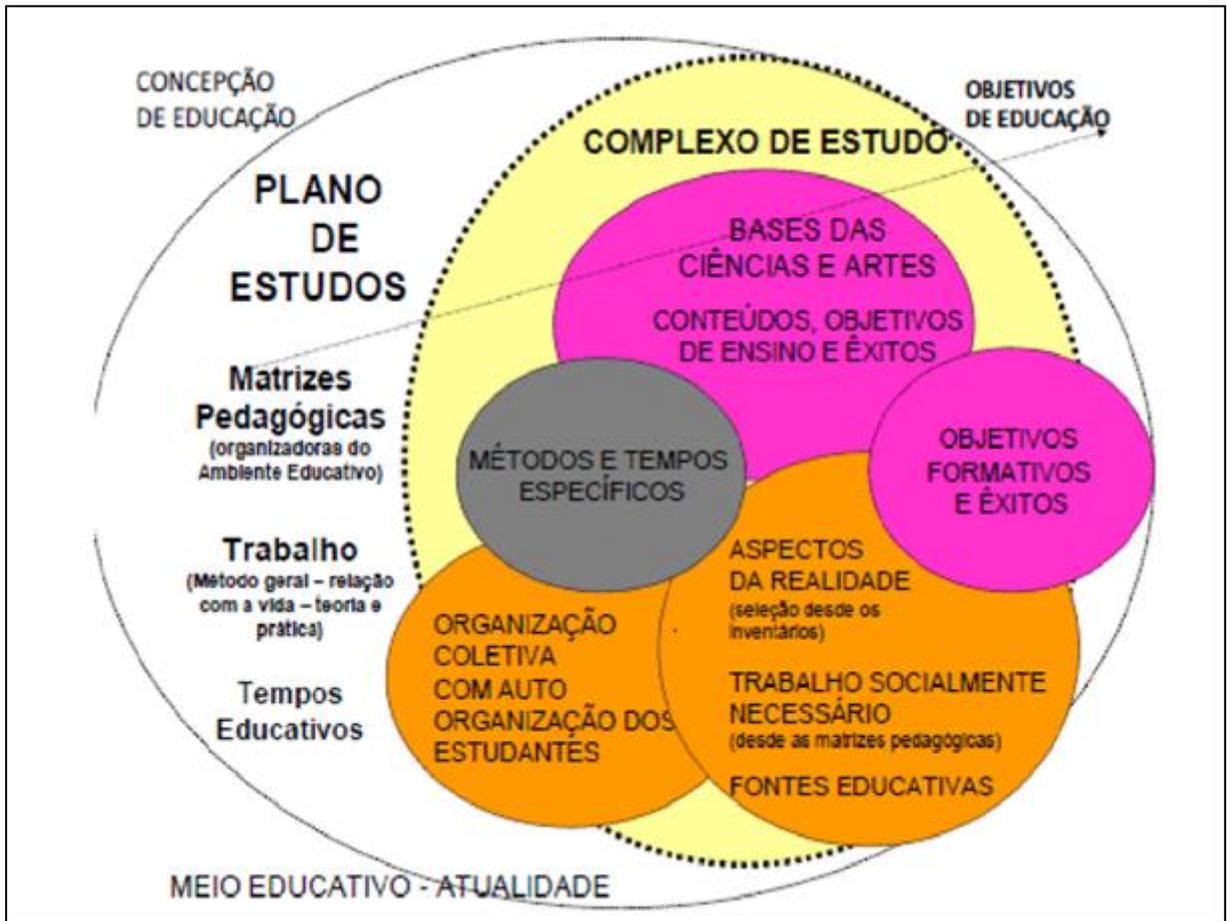
A experimentação dos Ciclos de Formação Humana com Complexos de Estudo nas Escolas Itinerantes do Paraná tem por objetivo auxiliar no processo de vinculação dos conteúdos com a vida dos educandos. Para tanto, como já detalhado e analisado neste trabalho, com a efetivação do Planejamento Coletivo e Interdisciplinar a conexão da escola com a realidade passou a ser fomentada pelo Inventário da Realidade e delimitação das Porções da Realidade. Segundo Freitas, Complexo de Estudo

é uma porção da realidade, significa complexidade. Complexidade da vida, da realidade. A nova forma escolar deve nos levar à compreensão da complexidade da vida e nenhuma disciplina dá conta disso sozinha, portanto, é uma tarefa interdisciplinar, pois a realidade é interdisciplinar. Cada disciplina dará sua contribuição para compreender essa porção da realidade. Nem tudo que ensinarei tem relação imediata com a prática. Não posso correr o risco de perder a possibilidade de elaboração das teorias mais avançadas (MST, 2011 apud, SAPELLI, 2011, p. 11).

Os Complexos de Estudos coloca-se na junção entre teoria, prática, métodos e realidade. Sua organização permite o trabalho com os conteúdos escolares em conexão direta com a realidade dos educandos, buscando sempre alcançar o principal objetivo das Escolas itinerantes que é formar o sujeito em todas as dimensões, de forma que os conteúdos escolares estejam sempre ligados ao conjunto de disciplinas, ou seja, trabalhados de forma interdisciplinar. A

seguir segue uma síntese ilustrativa dos Complexos de Estudo nas Escolas Itinerantes do Paraná.

Ilustração 2 – Esquema Ilustrativo da Organização por Complexos de Estudos



Fonte: MST, 2014.

Segundo Mariano,

Em síntese, pode se afirmar que cada Complexo de Estudo é uma unidade curricular do plano de estudos, que articula trabalho, auto-organização, matrizes formativas, bases das ciências, ou seja, tem uma composição multifacetada, e a escola deve colocar todas em movimento, desde o plano de ensino, a gestão participativa, o trabalho, entre outros, os educandos(as) aprendem e se desenvolver, eleva o conhecimento a partir de sua exercitação teórico-prática que acontece na realidade existente na vida do estudante, em sua materialidade cotidiana e que passa a ter sua compreensão teórica elevada. Por isso, o complexo demanda anteriormente a pesquisa feita na própria realidade das Escolas Itinerantes, para poder ancorar nesse em torno (MST, 2013 apud MARIANO, 2016, p. 14).

O Complexo de Estudo constitui-se no exercício teórico e prático que acontece na realidade dos educandos. Uma realidade que é vivenciada materialmente pelo educando e que precisa ser entendida teoricamente por ele. Sendo assim, cada Complexo é uma reunião entre

os conteúdos escolares, o trabalho socialmente necessário e os processos históricos vivenciados/vividos pela Comunidade, sendo estes trabalhados na escola, em busca de alcançar os objetivos (de ensino e formativos) que constam no Plano de Ensino Escolar, conforme as faixas etárias de cada criança.

“O complexo não é um método de ensino, mas uma unidade curricular que integra a ação das variadas disciplinas, ante o desafio de compreender e transformar uma determinada porção da realidade de vida do estudante” (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013, p. 25). Coloca-se assim como uma questão prática e teórica, cujas aprendizagens relacionadas a ele devem ser direcionadas pelos objetivos formativos e de ensino, e não pelo trabalho em sentido restrito, mas sim com a própria vida, por meio do trabalho socialmente necessário.

Na Escola Itinerante Caminhos do Saber os Complexos de Estudo são organizados por semestres, de acordo com a vivência dos educandos. Cada Porção da Realidade, delimitada a partir do Inventário da Realidade compõe um Complexo de Estudo. Cabe as disciplinas escolares, relacionar seus conteúdos com as Porções da Realidade, tendo em vista que nem todas as disciplinas conseguem relacionar seus conteúdos com todos os Complexos.

As Porções da Realidade – Complexos de Estudo trabalhados na Escola Itinerante Caminhos do Saber são:

Complexo 1 – este foi definido através da porção da realidade (processo base do estudo) chamada “luta pela Reforma Agrária”. Nesse complexo não se trabalha apenas a luta pela terra em si, mas também, a luta pelo acesso a uma educação de qualidade, luta por saúde, luta de gênero, por vias de acesso melhores para que os trabalhadores consigam fazer a comercialização dos produtos produzidos pelos mesmos, entre outras melhorias (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).

Complexo 2 – este foi definido através da porção da realidade (base do estudo) chamada de “produção de alimentos”. Neste complexo trabalha-se a questão de sobrevivência humana e traz implícita a questão do cuidado com o solo, da agricultura familiar, e das consequências de realizar o plantio extensivo, ou seja, do uso abusivo de agrotóxicos da produção monocultiva e dos posicionamentos que organizações que produzem agrotóxicos, entre outras questões em relação ao cultivo da terra (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).

Complexo 3 – este complexo foi definido através da porção da realidade “As formas de organização coletiva dentro e fora da escola”. Neste complexo os conteúdos são ancorados por questões como organização política da comunidade e do município, lutas coletivas para melhorar as estruturas da Comunidade, organização política e física do espaço da escola e do Acampamento, entre outras questões (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).

Complexo 4 – este complexo foi definido através da porção da realidade chamada “Cultura camponesa”, Neste complexo os conteúdos são ancorados por questões como hábitos e valores produzidos através dos tempos pela comunidade camponesa, pelos conhecimentos produzidos pelos povos do campo em relação à produção e a vida, entre outras. Estes conhecimentos devem ser trabalhados de forma que estes fiquem conservados na memória dos alunos por toda a vida (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).

Os Complexos de Estudo, em consonância com a proposta educativa do MST, além de considerarem os conteúdos escolares têm por referência os objetivos formativos e os objetivos de ensino. Todos os conteúdos possuem seus objetivos de ensino, que são aqueles objetivos que cada professor pretende alcançar em relação a aprendizagem dos educando em sua disciplina. De acordo com o Plano de Estudos,

Os objetivos de ensino se articulam com os objetivos formativos e, obviamente, são guias no sentido de que devem ser perseguidos por todas as disciplinas, mas não se concretizam de imediato em um complexo ou em um ano, mas vão sendo trabalhados com a finalidade de domínio progressivo dos êxitos propostos (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013, p. 35).

Já os objetivos formativos são aqueles em que a escola pretende ancorar o seu ensino, de forma que aconteça a partir de seu método de ensino, a formação plena dos sujeitos.

Entendendo que a transformação dos sujeitos não acontece somente dentro de sala de aula, o MST, por meio das Escolas Itinerantes, criou a proposta de ensino-aprendizagem por Complexos de Estudo, tendo como base a realidade dos sujeitos, os princípios educativos e o projeto de sociedade pensado pelo Movimento.

O processo de ensino-aprendizagem promovido a partir da experimentação dos Ciclos de Formação Humana com Complexos de Estudos nas Escolas Itinerantes do Paraná contam com as diversas práticas pedagógicas já analisadas e possuem como elementos estruturantes:

O Reagrupamento é uma prática que gira entorno dos limites e potencialidades dos educandos. O reagrupamento acontece na medida em que há a necessidade dos educandos, pois se entende que os educandos aprendem se relacionando com outros educandos e educadores. Este deve acontecer com no máximo vinte alunos por turma, turmas essas que reagrupam os alunos conforme os limites e as suas potencialidades, sendo estas turmas formadas de acordo com o que você já aprendeu e o que ainda necessita aprender em relação aos conteúdos científicos. No reagrupamento, forma-se uma turma com os educandos que possuem limites e defasagens e outra turma com potencialidades. A ideia é que estes estudem junto para que possam ampliar/desenvolver o seu conhecimento científico e social, relacionando-se com

outros educandos do CFH em que se encontram durante 15 (quinze) dias alternados (uma semana na turma antecedente à sua e uma semana em sua turma original), durante o tempo que for preciso para que este possa superar seus limites de forma que ele não seja prejudicado e nem prejudique a sua turma. Vale lembrar que o Reagrupamento não pode acontecer fora do ciclo em que a criança se encontra (ESCOLA ITINERANTE NO PARANÁ, 2017).

O Agrupamento é a turma de origem do educando. Nele o educando abstrai/adquire o conhecimento referente ao currículo da turma em que está. O educando se mantém no agrupamento nos horários em que o educando estuda. Quando este possui limites e defasagens, ele vai para o agrupamento para que estas defasagens sejam superadas (ESCOLA ITINERANTE NO PARANÁ, 2017).

A Classe Intermediária, assim como o Reagrupamento, também é uma espécie de superação dos limites e defasagens, porém com os educandos do Ensino Fundamental II e com os educandos do Ensino Médio, para aqueles adolescentes e jovens que possuem dificuldades (estas que não foram superadas no ciclo) em algumas disciplinas. A mesma é realizada especificamente pelos professores das disciplinas em que os educandos possuem dificuldade, com o intuito de superar os limites e defasagens que os educandos não conseguiram superar no CFH em que o educando se encontra, pois não existe reprovação nas Escolas Itinerantes. Na Escola Itinerante Caminhos do Saber essa ação acontece duas vezes por semana, no período de contraturno das turmas as quais os educandos vinculam-se originalmente (ESCOLA ITINERANTE NO PARANÁ, 2017).

3.2.1 Os tempos educativos na Escola Itinerante Caminhos do Saber

O cotidiano na Escola Itinerante é organizado em cinco períodos. Assume-se assim, em acordo com a proposta das Escolas Itinerantes no Paraná, a possibilidade de educar em turno integral (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013). Porém, no contexto da Escola Itinerante Caminhos do Saber o cotidiano escolar é organizado em turno e contraturno, havendo a necessidade de avançar em relação a proposta de educação integral.

Para que se efetive uma proposta de uma educação *omnilateral*, a realidade vivenciada na Escola Itinerante Caminhos do Saber indica a necessidade da permanência do educando por um tempo maior na escola que além do tempo destinado as disciplinas curriculares. Tendo em vista a experimentação dos Ciclos de Formação Humana com Complexos de Estudo e os avanços que se esperam ter na escola, estes só podem ser alcançados se for utilizado um tempo maior para a realização da formação (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013). Nos tempos

educativos em contraturno, não estão presentes a figura do professor em muitos destes tempos, muitas vezes os educandos o realizam de forma autônoma. Isso contribui para que os educandos aprendam a se organizar e se coordenarem sozinhos.

Os tempos educativos presentes no cotidiano da Escola Itinerante Caminhos do Saber são:

- Tempo Formatura: como analisado anteriormente, é o tempo de abertura dos trabalhos na escola. Nele os educandos de cada Núcleo Setorial se reúnem para cantarem suas palavras de ordem, entoarem o hino, dar os informes da semana, apresentarem místicas e realizarem brincadeiras/dinâmicas. Este tempo é de responsabilidade, exclusivamente dos Núcleos Setoriais (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).
- Tempo Trabalho: organizado para tratar da organização do trabalho e envolve toda a coletividade, já que cada um tem uma responsabilidade com a escola. O trabalho é dividido entre cada Núcleo Setorial, de forma que não fique absolutamente nenhum trabalho sem ser realizado, já que a falta de uma tarefa cumprida faz falta para toda a coletividade. Este trabalho é realizado em uma hora aula, duas vezes por semana, pelos educandos e educadores da escola, não contando com a presença dos demais trabalhadores da escola. Vale também lembrar que cada trabalho é realizado dentro da faixa etária (ideal) permitida para tal atividade, sendo este atrelado a ideia de trabalho o socialmente necessário (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).
- Tempo Leitura: de acordo com o Plano de Estudos (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013) e como explicitado anteriormente, neste tempo são organizadas leituras específicas para cada turma. Este pode acontecer em planejamento individual/coletivo dos educadores e educandos. As leituras são realizadas com o intuito de se fazer uma reflexão/debate pós leitura, acarretando em sínteses escritas ou em seminários para toda a escola/turma.
- Tempo Cultura: este tempo é de responsabilidade do Núcleo Setorial de Comunicação e Cultura. Mensalmente são realizados planejamentos de atividades culturais diversas na escola. Cabe ao núcleo realizar: as Noites de Talentos, onde cada turma prepara atividades culturais individuais e coletivas para serem apresentadas para toda a coletividade da escola; a Semana Cultural, realizada por todos os Núcleos Setoriais, onde a Coordenação da escola indica nomes de lutadores (ou outros temas) para que cada Núcleo realize uma apresentação sobre tal; e o Cinema da Terra que é realizado uma vez por mês, com a transmissão de vários tipos de filmes de acordo com determinadas faixas etárias (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).
- Tempo Aula: distribuído em cinco momentos com duração de aproximadamente cinquenta minutos, destinados para as disciplinas curriculares. Este tempo pode ser realizado atrelado aos

demais tempos educativos e em contraturno, não se limitando ao conceito “aula” das escolas clássicas, podendo serem realizadas excursões, aulas de campo, entre outras (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013). Para que este seja realizado com qualidade e com o peso teórico, social e político conforme manda a proposta da Educação do campo, este deve ser muito bem planejado pelo educador, possuindo um plano diário, extremamente detalhado/organizado, além de ser elaborado exatamente como manda os objetivos formativos e os objetivos de ensino, relacionando-se sempre os conteúdos científico à realidade dos sujeitos. Entretanto, para ter um plano diário coerente/condizente com a proposta de educacional da Educação do Campo e das Escolas Itinerantes, o professor e também a coordenação pedagógica, devem garantir que a elaboração dos Planos de Trabalho Docente sejam realizadas com total comprometimento e muita qualidade.

– Tempo Estudo: onde são realizados pelos educandos, trabalhos encaminhados pelas disciplinas curriculares ou como uma forma de auxílio na superação de dificuldades de algum conteúdo. Este pode ser realizado individual ou coletivamente. Este tempo é organizado pelo Núcleo Setorial Apoio ao Ensino que fica responsável de organizar o espaço da biblioteca para estudo e de cobrar resultados (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).

– Tempo Oficina: neste tempo são realizadas oficinas com diversos temas, sendo estes, ginástica, artesanato, teatro, dentre outras atividades. O mesmo é realizado conforme a disponibilidade do responsável, podendo este ser educandos, educadores ou até mesmo voluntários da Comunidade (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).

– Núcleos Setoriais: tempo que acontece duas vezes por semana. Uma vez sendo para fazer reuniões e planejar o tempo formativa e outra para realizar as atividades de responsabilidade do núcleo. Vale lembrar que este também faz parte da gestão coletiva da escola (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).

– Tempo dos Educadores: neste, os educadores se reúnem uma vez por semana, para realizarem estudos e reuniões para tratar de questões que qualifiquem o ensino na escola. A organização deste tempo é de total responsabilidade da equipe/coordenação pedagógica da escola (CALDART; FREITAS; SAPELLI, 2013).

Todos esses tempos formativos realizados na Escola Itinerante Caminhos do Saber são de extrema importância para o desenvolvimento *omnilateral* dos educandos. Estes contribuem para que sejam despertadas em cada um deles a necessidade/hábito da organização coletiva, a cultura de cuidar do espaço da escola, a capacidade de viver em coletivo/sociedade, no processo de valorização da cultura camponesa, na valorização do plantio realizado de forma consciente

e sem o uso de agrotóxicos (entre outros), sem falar nas aprendizagens de base teóricas adquiridas por meio destes.

Esse conjunto de tempos educativos, vinculados a realização do experimento dos Ciclos de Formação Humana com Complexo de Estudo na Escola Itinerante Caminhos do Saber resultam em práticas pedagógicas pertinentes a sua realização, sendo expressos em uma gama de ações que se colocam como constituintes do cotidiano escolar.

Tabela 4 – Práticas Pedagógicas na Escola Itinerante Caminhos do Saber

	Práticas Pedagógicas	Ações do Cotidiano Escolar
Ciclos de Formação com Complexos de Estudos	Planejamento Coletivo e Interdisciplinar	- Inventário da Realidade - Porções da Realidade - Plano de Trabalho Docente
	Coletivo de Educadores	- Formação Inicial - Formação Continuada (local, municipal e estadual)
	Trabalho e vínculo com a realidade	- Trabalho como princípio educativo - Autosserviço - Trabalho Socialmente Necessário
	Auto-organização dos estudantes	- Tempo Formatura - Tempo Leitura - Núcleos Setoriais
	Processo de avaliação na escola	- Autoavaliação dos estudantes - Conselho de Classe Participativo - Pasta de Acompanhamento - Parecer Descritivo

Fonte: Organização da autora.

De modo geral, a análise das práticas pedagógicas vinculadas ao experimento dos Ciclos de Formação Humana com Complexo de Estudo na Escola Itinerante Caminhos do Saber evidenciam, ao mesmo tempo, a expressão e a síntese de proposta de educação contra hegemônica vinculada a luta do MST e à Educação do Campo. Assim, o Planejamento Coletivo e Interdisciplinar, o Coletivo de Educadores, o Trabalho e vínculo com a realidade, a Auto-organização dos estudantes e o Processo de avaliação na escola, bem como, as ações do cotidiano escolar que as sustentam, expressam a potencialidade de processos formativos vinculados à realidade dos sujeitos e imersos em suas perspectivas e participação ativa e autônoma.

4 CONSIDERAÇÕES

As Escolas Itinerantes surgiram da necessidade de ter uma escola que acompanhasse as famílias acampadas durante a luta pela terra. Além de estar em movimento, as Escolas Itinerantes necessitam ter práticas condizentes com os objetivos que o MST pretende alcançar, que é (trans)formar os educandos em sujeitos críticos capazes de se indignar a cada injustiça cometida, que tenham companheirismo e compromisso com a luta coletiva de tornar a sociedade mais justa e igualitária.

Na Escola Itinerante Caminhos do Saber busca-se cumprir o papel destinado a esta que é escolarizar e formar política e criticamente os sujeitos Sem Terra, na luta do MST, possibilitando as famílias acampadas uma mobilidade na luta pela reforma agrária, de forma que os educandos não fiquem sem uma escola. A Escola Itinerante está sendo parte do projeto de luta do MST, está presente de maneira legal, nas diferentes regiões do estado, acompanhando as famílias acampadas na luta pela reforma agrária e pelos direitos e cidadania. Para alcançar tal objetivo pelo qual foi criada esta proposta de escola pelo MST, as Escolas Itinerantes, por meio do Setor de Educação e da Direção do Movimento, foi qualificando/modificando cada vez mais suas práticas. Estas modificações aconteceram em relação a organização escolar passando pelos Temas Geradores até 2006 e, consolidando sua ação formativa por meio dos Ciclos de Formação Humana com Complexos de Estudos, a partir de 2012. Isso tem-se materializado na realização de vários tempos formativos; na criação de uma política de gestão escolar democrática onde os educandos, pais e a Comunidade participem ativamente das questões/decisões relacionadas ao andamento pedagógico, estrutural e financeiro da escola; na criação de instâncias que contribuem no processo de formação dos educandos, fazendo com que estes se organizem de forma autônoma e organizada para realizar trabalhos socialmente necessários na escola, entre outras.

A Escola Itinerante é um espaço pouco estudado fora do Setor de Educação (responsável por elaborar um grande número de materiais para divulgar tal proposta), por isso, a análise das Escolas Itinerantes e da proposta da Educação do Campo, torna-se importante para contribuir com a divulgação no que diz respeito à compreensão da proposta do tipo de escola do MST e da Educação do Campo.

Analisar uma proposta de escola, onde se concretiza não apenas a escolarização, mas também a formação política e crítica dos sujeitos não é uma tarefa muito fácil. Esta tem sido uma tarefa um tanto quanto árdua, porém, que aos poucos vêm sendo cumprida graças a

observação das práticas cotidianas da escola, pesquisas bibliográficas e documentais e entrevistas semiestruturadas com educadores e educandos da escola.

Pode-se notar que as Escolas Itinerantes constituem como uma proposta de escola contra hegemônica. Esta busca trabalhar os seus conteúdos de acordo com a realidade dos sujeitos fazendo com que não fiquem “soltos” da realidade dos educandos, tornando-os mais significativo para os educandos em seu processo de ensino-aprendizagem.

Para que tal proposta de educação se efetivasse nas Escolas Itinerantes, as Escolas Itinerantes por meio do Setor de Educação do MST, criou documentos que garantissem a legitimidade e sustentassem a Educação do Campo, logo a Pedagogia do Movimento Sem Terra. Tais documentos são o Plano de Estudo, o Regimento Escolar e por último, porém, mais importante, o Projeto Político Pedagógico, este que era um único PPP para todas as Escolas. Nestes documentos estão firmados os princípios/diretrizes/práticas pedagógicas das Escolas Itinerantes, estes que vêm sendo cada vez mais qualificados com o passar dos anos.

A Escola Itinerante Caminhos do Saber, por meio dos documentos de sustentação teórica/pedagógica das Escolas Itinerantes, vem buscando cada vez mais qualificar suas práticas pedagógicas de ensino-aprendizagem. Uma das expressões desse avanço diz respeito a efetivação/realização das atividades dos Núcleos Setoriais (este que é uma das principais instâncias de organização escolar).

Ao realizar a análise dos trabalhos executados em cada Núcleo Setorial, pode-se perceber que houve um avanço muito grande na participação de todos os educandos, além da seriedade com que os mesmos aprenderam a tratar este tempo formativo. No início da implantação da proposta dos Núcleos Setoriais na Escola Caminhos do Saber, alguns educandos tratavam o tempo formativo, apenas como uma mera atividade, cujas práticas não tinham valor/significado algum.

Na atualidade, pode-se perceber que os mesmos educandos que viam o Núcleo Setorial como uma espécie de “perca de tempo”⁷, conseguiram compreender a importância deste para o processo pedagógico escolar e hoje garantem a sua participação responsável nas atividades a eles vinculadas. Esta valorização dos Núcleos Setoriais, no contexto da Escola Itinerante Caminhos do Saber vem crescendo não apenas para os educandos, mas também para os pais e toda a Comunidade. Depois que os educandos se empenharam na realização das tarefas e obtiveram grandes resultados, a Comunidade tem reconhecido o Núcleo Setorial como um grande trunfo pedagógico da proposta de escola contra hegemônica defendida pelo MST e pela

⁷ Há uns seis anos atrás (quando a autora ainda estudava) era fácil de se ouvir da boca dos educandos, pelos corredores da escola, que o núcleo setorial não servia de nada e que este só era bom para “matar” tempo.

Educação do Campo. Entretanto, a Escola Itinerante Caminhos do Saber ainda precisa obter avanços em relação a opinião de alguns pais de educandos que ainda acreditam que o Núcleo Setorial não seja um tempo formativo.

Com o reconhecimento do valor formativo dos Núcleos Setoriais, qualificaram-se também o funcionamento da instância de Comissão Executiva. Já que esta é formada pela Coordenação Pedagógica, educadores e também pela coordenação dos Núcleos Setoriais. A Comissão Executiva da escola vem contando com uma grande participação dos educandos em suas reuniões, qualificando/contribuindo ainda mais para o funcionamento da em todos os aspectos, sendo eles, econômicos, político, estrutural e coletivo/social.

Sobre o processo de ensino-aprendizagem nas disciplinas, foram obtidos avanços no que diz respeito ao entendimento da proposta de educação e suas práticas pedagógicas. Com o tempo, os educadores vêm ampliando o domínio desta, contribuindo muito no que diz respeito a qualificação dos seus Planos de Trabalho Docentes, logo qualificando este, estes educadores qualificam também suas aulas. Com vários estudos e Semanas Pedagógicas, os educadores desconstruíram a ideia do Plano de Trabalho Docente como uma espécie de “formulário” (em que não constam muitas informações) e passaram a elaborar o documento/material de forma mais detalhada e qualificada.

Outro avanço muito grande que ficou explícito neste ano letivo (2019) é a valorização da escola pela Comunidade. Nesse período, os acampados têm contribuído muito mais no processo de reforma/melhora do espaço da escola. Recentemente (entre dezembro de 2018 e fevereiro de 2019) toda a Comunidade se envolveu ativamente no processo de construção da escola. Neste período a escola foi desmanchada e (re)construída pelos acampados, sendo também, a Comunidade responsável por custear toda a reforma, desde os materiais para as salas de aula, os materiais de eletricidade até ao materiais e a mão de obra para a pintura da escola.

A partir das análises feitas, pode-se dizer que a Escola Itinerante Caminhos do Saber ainda tem muito a avançar no que diz respeito a execução da proposta da Educação do Campo, em relação ao envolvimento das famílias acampadas nas atividades da escola (participação no Conselho de Classe Participativo, entre outras) e na compreensão da importância dos tempos auto-organizativos dos estudantes, já que alguns pais ainda possuem a ideia atrasada⁸ de que este não é necessário para o processo de formação dos educandos. Deve-se também,

⁸ Alguns pais veem os núcleos setoriais como uma forma de exploração das crianças, pelo fato de as crianças realizarem tarefas, cujas mesmas possuem responsáveis para fazê-las, como por exemplo, manter o pátio da escola limpo e organizado. Tais pais não entendem que realizando estas atividades, os educandos aprendem valores dos quais utilizaram por toda a vida, como por exemplo, valorizar as estruturas da escola, respeito ao trabalho do outro, entre outros mais.

trabalhar com os pais de estudantes, a ideia do Parecer Descritivo como um meio de registro avaliativo não muito eficaz. Alguns pais não entendem a importância de fazer a avaliação de aprendizagem dos educandos de forma escrita e não através de notas, entendendo este como algo sem sentido. É necessário fazer com que estes entendam a importância deste instrumento de registro como um processo contínuo de avaliação e que deixem de “priorizar” a avaliação por nota como um processo eficaz para fins avaliativos. Entretanto, a Escola Itinerante Caminhos do Saber entende que esta mudança não se faz da noite para o dia. A mesma deve ser trabalhada de forma processual com estes pais, através da garantia de sua participação na escola e no de Conselho de Classe Participativo, que é o momento em que o conceito avaliativo é tratado com mais vigor.

Quanto à importância/valorização da escola pela Comunidade, esta vem avançando cada vez mais. As famílias acampadas têm se empenhado de forma admirável no que diz respeito às melhorias estruturais e regulamentares da escola. Devido ao empenho do Setor de Educação do Acampamento em conjunto com as demais instâncias políticas do mesmo, a escola vem tendo muitos avanços qualitativos na realização dos seus tempos formativos e no processo de adequação do espaço escolar. Um exemplo disso é o fato de toda a Comunidade se unir para construir uma nova escola que fosse esteticamente agradável e mais adequada fisicamente, conforme exigem as demandas formativas dos educandos.

Outro fato importante analisado é a maneira com que o Estado se relaciona com as Escolas Itinerantes e a Educação do Campo. Este busca sempre interferir no que diz respeito às práticas pedagógicas e no seu método educacional, porém, o Estado se mostra “ausente” quando diz respeito a contribuir financeiramente para que as Escolas Itinerantes avancem física e pedagogicamente. Um exemplo disso é o fato de que os moradores da Comunidade onde está localizada a Escola Itinerante Caminhos do Saber, precisaram se mobilizar para arcar financeiramente (e com mão de obra) para garantir que fosse realizada a reforma da escola, sem falar no fato de que são os acampados que arcam com os gastos relacionados à produtos de limpeza e concertos de materiais da escola. Sendo assim, é evidente a necessidade de criação e/ou efetivação de Políticas Públicas que garantam a participação financeira do Estado em relação à qualificação física e pedagógica das Escolas do Campo, já que este tem atuado apenas como um órgão de controle nas escolas e não como auxílio para qualificação da educação.

Em relação aos avanços no que diz respeito a execução da proposta de educação do MST e a construção/composição da Educação do Campo, a Escola Itinerante Caminhos do Saber vem qualificando aos poucos, suas práticas através de formações do MST voltadas a temática, ao envolvimento dos educandos e da Comunidade nas decisões relevantes ao

andamento da escola e vice-versa. Além disso, aos poucos estão sendo qualificados os desenvolvimentos das práticas pedagógicas cotidianas, como pensar de maneira conjunta com os educandos, um planejamento dos Núcleos Setoriais e de toda e qualquer atividade a ser realizada na escola. Dessa maneira, podem ser analisados vários avanços nas práticas escolares e políticas da escola. Avanços esses que ainda não são suficientes para efetivar plenamente a proposta de educação das Escolas Itinerantes como se almeja a Escola Itinerante Caminhos do Saber, porém, é um passo a mais no que diz respeito a/ao realização/alcance deste objetivo, que pode vir a ser alcançado com o tempo e o empenho da Comunidade Escolar com vistas a qualificação contínua das práticas pedagógicas que dão sustentação ao fazer da escola.

REFERÊNCIAS

- BALDOTTO, O. L. G.; MORILA, A. P. Auto-organização no contexto da educação do campo. **Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino**, nº. 2, maio 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/14414>>. Acesso em: 02 de novembro de 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Brasília,DF: MEC, 2000.
- CALDART, R. S. Sobre Educação do Campo. Educação do Campo: reflexões a partir da tríade Produção – Cidadania – Pesquisa. In: SANTOS, C. Ap. dos (Org.). **Por uma Educação do Campo: Campo – Políticas Públicas – Educação**. Brasília: INCRA; MDA, 2008. (Coleção Por uma Educação do Campo nº 7).
- _____. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. In: **Trabalho, Educação, Saúde**. Rio de Janeiro, v.7 n.1, p.35-64, mar./jun. 2009.
- _____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 4ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- _____. Educação do Campo. In: CALDART, R. S. et al. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. 3ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013, p. 257-264.
- CALDART, R. S.; FREITAS, L. C. de; SAPELLI, M. L. S (orgs.). **Plano de Estudos das Escolas Itinerantes do Paraná**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 1-299.
- COELHO, F. **A prática da mística e a luta pela terra no MST**. 2010. 284 p. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2010. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Fabiano%20Coelho.pdf>>. Acesso em: 22 de março de 2019.
- DALMAGRO, S. L. A Escola no contexto das lutas do MST. In: VENDRAMINI, C. R.; MACHADO, I. F. (orgs.). **Escola e Movimento Social: experiências em curso no campo brasileiro**. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- DALMAGRO, S. L. **A escola no contexto das lutas do MST**. 2010. 314 p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/2010%20TESE%20UFSC%20SANDRA%20VF.pdf>>. Acesso em: 15 de novembro de 2018.
- ESCOLA ITINERANTE NO PARANÁ. **PPP**. Rio Bonito do Iguaçu, 2013.
- _____. **Ciclos de Formação Humana na Escola**. Rio Bonito do Iguaçu, Paraná, 2017.
- MST. **DOSSIÊ MST ESCOLA**. Documentos e Estudos 1990-2001. Cadernos de Educação nº 13. Edição Especial. ITERRA/MST. Rio Grande do SUL, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 29ª edição [1ª ed. 1970], Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREITAS, L. C. de. de. Uma luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. In: PISTRAK, M. M. (Org.) **Uma Escola-Comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, v. 1, p.7-108.

_____. A escola única do trabalho: explorando os caminhos de sua construção. In: CALDART, R. S. (Org.) et. al. **Caminhos para a transformação da escola**. 1ª ed., São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 155-175.

LEITE, Valter de Jesus. Escola Itinerante do MST Paraná: uma análise sobre a relação trabalho e educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p. 254 - 277, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2019.

_____. **Educação do campo e ensaios da escola do trabalho**: a materialização do trabalho como princípio educativo na Escola Itinerante do MST Paraná. 2017. 311 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Nível de Mestrado/PPGE, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3396/5/Valter_Leite2017.pdf>. Acesso em: 18 de novembro de 2018.

MARIANO, A. S. **Ensaio da escola do trabalho no contexto das lutas do MST**: a proposta curricular dos Ciclos de Formação Humana com Complexos de Estudo, nas Escolas Itinerantes no Paraná. 2016. 255 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pós-graduação stricto sensu em educação, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/1753>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.

MARTINS, F. J. Educação do Campo: processo de ocupação social e escolar. In: **Congresso Internacional de Pedagogia Social**, 2., São Paulo 2008. **Scielo Proceedings**, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n2/06.pdf>>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

MARTINS, N.; MORAES, D. A.F. de; SANTOS, A. R. de J. Concepção docente: a prática pedagógica em questão. In: Jornada de Didática: desafios para a docência e Seminário de pesquisa do Semad, 3. 2, 2014, Londrina. **Anais eletrônicos da Jornada de Didática**. Londrina: UEL, 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/III%20Jornada%20de%20Didatic%20a%20--%20Desafios%20para%20a%20Docencia%20e%20II%20Seminario%20de%20Pesquisa%20do%20CEMAD/CONCEPCAO%20DOCENTE%20A%20PRATICA%20PEDAGOGICA%20EM%20QUESTAO.pdf>>. Acesso em: 04 de junho de 2019.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Trad. Álvaro Pina. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MOLINA, Mônica Castagna. Desafios teóricos e práticas na execução das políticas públicas de Educação do Campo. In: MUNARIM, Antônio. [et al] (Orgs.) Educação do Campo; reflexões e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2010.

MST. **Como fazemos a escola de educação fundamental**. Veranópolis: ITERRA, 2001. (Caderno de Educação-MST, 2ª ed., n. 09).

_____. Histórico da Escola Itinerante no estado do Paraná. In: _____. **Escola Itinerante do MST: história, projeto e experiências**. – Curitiba: SEED; MST, 2008. (Cadernos da Escola Itinerante – MST, Ano VIII, nº 1, abril de 2008).

_____. Escola Itinerante em acampamentos do MST. **Estudos avançados**. São Paulo, vol.15, n.42, p. 235-240, mai./ago. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a11.pdf>>. Acesso em: 22 de março de 2019.

_____. Escola Itinerante do MST: história, projeto e experiências. In: MST; SEED-PR. **Cadernos da Escola Itinerante – MST**. Ano VIII, nº 1, Abril, 2008.

_____. Memória dos encontros dos Complexos de Estudo (2010/2014). 2014. (mimeo).

_____. II Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária II ENERA. Boletim da Educação nº12, Edição Especial. São Pulo: Dezembro de 2014.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação . Parecer 1012/2003. **Aprova a proposta pedagógica das Escolas Itinerantes para acampados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra do Estado do Paraná, com vistas à continuidade da experiência pedagógica ofertada**. Curitiba: Governo do estado do Paraná, 2003, p. 03.

PISTRAK, M.M. Fundamentos da Escola do Trabalho. São Paulo, Expressão Popular, 3 ed, 2011.

RITTER, J. **Complexos de estudo: uma proposta para as Escolas Itinerantes do Paraná – limites e possibilidades**. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/321144/1/Ritter_Janete_D.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2019.

ROCKWELL, E.; EZPELETA, J. A ESCOLA: relato de um processo inacabado de construção. **Currículo sem fronteira**, v. 7, n. 2, p. 131-147, Jul/Dez 2007. Disponível em: <www.curriculosemfronteira.org>. Acesso em: 01 jul. 2018.

SANTOS, Gilvan. A Educação do Campo. In: MST. **Cantares da Educação do Campo**. 2006, São Paulo, CD-ROM.

SANTOS, C. A. dos (Org.) et al. **Educação do campo: campo- políticas públicas- educação**. Brasília: INCRA; MDA, (Cadernos didáticos) nº 7, 2008.

SAPELLI, M. L. S. Escola Itinerante: espaço de disputa e contradição. **Educar em Revista:** UFPR, Curitiba, n. 55, p. 129-143, jan./mar. 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/n55/0101-4358-er-55-00129.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

_____. De Paulo Freire a Pistrak. In: Sifedoc Regional do Rio Grande do Sul, s/n, 2013, Rio Grande do Sul. Anais eletrônicos Sifedoc, Santa Maria: UFSM, 2013.

SILVA, M. S. **As práticas pedagógicas das escolas do campo: a escola na vida e a vida como escola.** 2009. 464 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de pós-graduação em educação, Recife, 2009.

SOUZA, R. R.. **Luta pela terra e prática pedagógica: a experiência da Escola Itinerante Herdeiros do Saber.** 2017. 85 p. TCC (graduação em Licenciatura em Educação do Campo)- Faculdade de Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, 2017. Disponível em: < <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/72>>. Acesso em: 04 de jun. de 2019.

URQUIZA, P. R. U. **História da Escola Itinerante Caminhos do Saber – Ortigueira – PR – 2005-2008.** 2009. 182p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009. disponível em: <<http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2009/2009%20-%20URQUIZA,%20Paulo%20Roberto%20Urbinatti.pdf>>. Acesso em: 20 de ago. 2018.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.